



CENTRO UNIVERSITÁRIO LUTERANO DE PALMAS

Recredenciado pela Portaria Ministerial nº 1.162, de 13/10/16, D.O.U. nº 198, de 14/10/2016
AELBRA EDUCAÇÃO SUPERIOR - GRADUAÇÃO E PÓS-GRADUAÇÃO S.A.

Maria Aparecida Borges da Costa e Silva

**COMPORTAMENTOS AUTOLESIVOS E/OU IDEAÇÃO SUICIDA EM
ADOLESCENTES E A INTERNET: uma revisão integrativa**

Palmas - TO
2020

Maria Aparecida Borges da Costa e Silva

**COMPORTAMENTOS AUTOLESIVOS E/OU IDEACÃO SUICIDA EM
ADOLESCENTES E A INTERNET: uma revisão integrativa**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) II elaborado e apresentado como requisito parcial para obtenção do título de bacharel em Psicologia pelo Centro Universitário Luterano de Palmas (CEULP/ULBRA).

Orientadora: Prof.^a Me. Ruth do Prado Cabral.

Palmas - TO
2020

Maria Aparecida Borges da Costa e Silva

**COMPORTAMENTOS AUTOLESIVOS E/OU IDEAÇÃO SUICIDA EM
ADOLESCENTES E A INTERNET: uma revisão integrativa**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) II elaborado e apresentado como requisito parcial para obtenção do título de bacharel em Psicologia pelo Centro Universitário Luterano de Palmas (CEULP/ULBRA).

Orientadora: Prof.^a Me. Ruth do Prado Cabral.

Aprovado em: ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Orientadora Me. Ruth do Prado Cabral
Centro Universitário Luterano de Palmas – CEULP

Prof.^a Examinadora Me. Rosângela Veloso de Freitas Morbeck
Centro Universitário Luterano de Palmas – CEULP

Prof.^a Examinadora Me. Muriel Correa Neves Rodrigues
Centro Universitário Luterano de Palmas – CEULP

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho ao meu Deus, que é a minha Luz. O qual proporcionou-me garra, determinação e fé para suportar as dificuldades do dia a dia e chegar ao final do curso de Psicologia.

AGRADECIMENTOS

À Deus, pela força alcançada para chegar ao final da maratona da graduação em Psicologia. Durante a caminhada fui procurando vencer cada obstáculo que ia surgindo, respeitando sobretudo os meus limites, tentando conciliar as atividades acadêmicas com a rotina do trabalho.

À minha querida família, por ter tido paciência e me proporcionado apoio, sendo o meu ponto de equilíbrio nos momentos difíceis. Expresso a minha eterna gratidão.

À minha querida professora e orientadora, Prof^ª Ruth do Prado Cabral, por ensinar-me muito mais que uma Ciência. A minha sincera gratidão pela sua dedicação, humildade, paciência, seu jeito humano, e sua mão amiga estendida nos momentos em que precisei.

Às professoras integrantes da minha banca: Prof^ª. Me. Rosângela Veloso de Freitas Morbeck e a Prof.^a Me. Muriel Correa Neves Rodrigues, que através de suas apreciações e direcionamentos, compartilharam seus conhecimentos e contribuindo para a finalização desse Trabalho de Conclusão de Curso.

À todos os meus professores que contribuíram com seu conhecimento e sabedoria para minha formação profissional.

À minha adorável amiga, Daedy Gonçalves da Conceição, que tenho orgulho de ser grata, com seu jeito humilde e solidário, esteve ao meu lado auxiliando-me desde o início do curso de Psicologia.

À todos os meus colegas da graduação que contribuíram com a participação e seus conhecimentos nos grupos de trabalhos acadêmicos.

À nossa saudosa Professora: Nara Wanda Zamora Hernandez (CRP - 23/190), a minha homenagem especial, que com profissionalismo e sabedoria, repassou seus conhecimentos aos seus alunos, considerando-os como a extensão da sua família: “vocês são os meus filhos”!

RESUMO

Os comportamentos autolesivos associados ou não a ideação suicida, representam um fenômeno de grande relevância e consideráveis implicações na adolescência. Com este estudo buscou-se identificar fatores desencadeantes de comportamentos autolesivos e de ideação suicida entre adolescentes. Bem como as interpretações mais recorrentes sobre a conduta autolesiva e de ideação e inserir a realidade que se apresenta com o acesso irrestrito à internet. Trata-se de um estudo com abordagem qualitativa de revisão integrativa. Para a pesquisa utilizou-se os descritores, autolesão e ideação suicida nas bases de dados: Biblioteca Virtual de Psicologia (Bvs-psi), Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS) e Biblioteca *Scientific Eletronic Library Online* (SciELO). Após a análise, foram selecionados estudos, os quais foram classificados em quatro categorias, sendo elas: caracterização do comportamento autolesivo e/ou ideação suicida, a família e o contexto escolar em relação à autolesão e ideação suicida, o uso da internet como potencializador da autolesão e/ou ideação suicida e por último, tratou-se das possíveis propostas de intervenções. Com o resultado da pesquisa, foi possível descrever a prevalência das variáveis psicológicas disfuncionais, reconhecendo os fatores de risco que implicam num perfil de adolescentes acometidos pelos comportamentos autolesivos e suicida para lidar com o sofrimento psíquico. Percebeu-se que, a dinâmica familiar pode exercer um dos mais relevantes fatores de vulnerabilidade para o adolescente ou inversamente, de prevenção às diversas perturbações e comportamentos desajustados. No entanto, a escola como contexto de transição da adolescência, e sendo nesse ambiente que surgem os comportamentos disfuncionais entre adolescentes, pode identificar precocemente e intervir, contribuindo assim, para um desenvolvimento saudável. Diante do contexto, percebeu-se que o uso da internet potencializa o agravo, e pode conter duas faces, o incentivador, por conter imagens e vídeos de incentivo e como um local possível para desabafar, encontrar apoio e não ser “julgado” por suas escolhas. Como possíveis propostas de intervenções, a Política Nacional de Prevenção da Automutilação e Suicídio instituída com a Lei 13.819, vem possibilitar o desenvolvimento de estratégias permanentes através dos serviços de saúde e educação. Promovendo assim, a prevenção e promoção em saúde mental dos adolescentes e familiares, bem como assegurando o tratamento e acompanhamento daqueles que são acometidos pela prática de comportamentos autolesivos e suicida. Por conseguinte, contribuir para desconstrução o “tabu” que envolve o fenômeno. Ademais, em consonância com a Política Nacional de Prevenção da Automutilação e Suicídio, o Conselho Federal de Psicologia (CFP) também aponta a contribuição do profissional psicólogo escolar na intervenção, envolvendo toda a comunidade escolar - professores, pais, funcionários e estudantes. Pautando reflexões acerca do sujeito e suas subjetividades e a complexidade do fenômeno, que desencadeia o sofrimento psíquico dos adolescentes.

Palavras-Chave: Autolesão. Ideação Suicida. Adolescentes. Internet.

ABSTRACT

The self-injurious behaviors associated or not with suicidal ideation represent a phenomenon of great relevance and considerable implications in adolescence. This study aimed to identify triggering factors of self-harming behaviors and suicidal ideation among adolescents. As well as the most recurrent interpretations about self-harm and ideation and insert the reality that presents itself with unrestricted access to the Internet. This is a study with a qualitative approach called integrative review. For the research we used the descriptors, self-injury and suicidal ideation in the databases: Virtual Library of Psychology (Bvs-psi), Latin American and Caribbean Literature in Health Sciences (LILACS) and Scientific Library Eletronic Library Online (SciELO). After the analysis, studies were selected, which were classified into four categories: characterization of self-injurious behavior and/or suicidal ideation, the family and the school context in relation to self-injury and suicidal ideation, the use of the Internet as a potentiator of self-injury and/or suicidal ideation, and finally, it was about the possible proposals for interventions. With the results of the research, it was possible to describe the prevalence of dysfunctional psychological variables, recognizing the risk factors that imply a profile of adolescents affected by suicidal and self-injurious behaviors to deal with psychological suffering. With the results of the research, it was possible to describe the prevalence of dysfunctional psychological variables, recognizing the risk factors that imply a profile of adolescents affected by suicidal and self-injurious behaviors to deal with psychological suffering. It was noticed that family dynamics can exert one of the most relevant factors of vulnerability for adolescents or inversely, to prevent various disorders and misadjusted behaviors. However, school as a context of transition of adolescence, and being in this environment that dysfunctional behaviors of adolescents arise, can identify early and intervene, thus contributing to healthy development. Given the context, it was noticed that the use of the Internet potentiates the problem by appearing two faces, the incentive, because it contains images and videos of encouragement and as a possible place to vent, find support and not be "judged" by their choices. As possible proposals for interventions, the National Policy for the Prevention of Self-mutilation and Suicide, instituted with the Law 13.819 enables the development of permanent strategies for health and education services. Thus promoting the prevention and promotion in mental health of adolescents and family members, as well as ensuring the treatment and follow-up of those who are affected by the practice of self-injurious and suicidal behaviors. Therefore, contribute to overturn the "taboo" that surrounds the phenomenon. Furthermore, in line with the National Policy for the Prevention of Self-mutilation and Suicide, the Federal Council of Psychology (CFP) also points out the contribution of the school psychologist professional in the intervention, involving the entire school community - teachers, parents, staff and students. Guiding reflections about the subject and his subjectivities and the complexity of the phenomenon, which triggers the adolescents' psychological suffering.

Keywords: Self-injury. Suicidal Ideation. Teenagers. Internet.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABP	Associação Brasileira de Psiquiatria
BVS-psi	Biblioteca Virtual em Saúde Psicologia do Brasil
CEULP	Centro Universitário Luterano de Palmas
CFP	Conselho Federal de Psicologia
ISPA	Instituto Universitário de Ciências Psicológicas, Sociais e da Vida
LILACS	Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde
OMS	Organização Mundial de Saúde
QIAIS-A	Questionário de Impulsividade, Auto-dano e Ideação Suicida para Adolescente
SBNp	Sociedade Brasileira de Neuropsicologia
SciELO	Scientific Electronic Library Online
SINAN	Sistema de Informação de Agravo de Notificação
ULBRA	Universidade Luterana do Brasil

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Mitos e verdades a respeito do comportamento suicida:.....	23
Quadro 2 - Caracterização dos estudos incluídos de acordo com os eixos temáticos	30
Quadro 3 - Artigos classificados em categorias:	32

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Síntese das etapas da revisão integrativa	29
Figura 2 - Fluxograma da seleção dos artigos nas bases de dados:	29

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	12
2 REFERENCIAL TEÓRICO.....	15
2.1 ADOLESCÊNCIA	15
2.2 MODELOS DE EDUCAÇÃO FAMILIAR	16
2.3 A DOR CARACTERIZADA NO CORPO	17
2.4 SUICÍDIO E CONDUTA AUTOLESIVAS	20
2.5 MITOS DO SUICÍDIO	22
2.6 O IMPACTO DO MEIO SOCIAL NOS COMPORTAMENTOS AUTOLESIVOS... 24	
2.6.1 Ambiente Virtual	24
2.6.2 Política Nacional de Prevenção da Automutilação e do Suicídio	27
3 METODOLOGIA.....	28
4 RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	33
4.1 CARACTERIZAÇÃO DO COMPORTAMENTO AUTOLESIVO E/OU IDEIAÇÃO SUICIDA	333
4.2 A FAMÍLIA E O CONTEXTO ESCOLAR EM RELAÇÃO À AUTOLESÃO E IDEIAÇÃO SUICIDA.	35
4.2.1 Relação Familiar	35
4.2.2 Contexto escolar.....	37
4.3 O USO DA INTERNET COMO POTENCIALIZADOR DA AUTOLESÃO E/OU IDEIAÇÃO SUICIDA.	38
4.4 POSSÍVEIS PROPOSTAS DE INTERVENÇÕES	40
CONSIDERAÇÕES FINAIS	44
REFERÊNCIAS	46

1 INTRODUÇÃO

A Adolescência é o período de transição entre a infância e a vida adulta, caracterizada por impulsos de desenvolvimento físico, mental, emocional, sexual e social e pelos esforços do indivíduo em alcançar os objetivos relacionados às expectativas culturais da sociedade em que vive. Segundo a Organização Mundial de Saúde, a adolescência abrange o período do ciclo vital que vai desde os 10 aos 19 anos (WHO, 2011).

Os comportamentos autolesivos e ideação suicida entre adolescentes, com especial atenção para aqueles que advêm do acesso à internet, foi diagnosticado em 75% dos adolescentes que apresentam dificuldade em expor seus sentimentos e angústias e encontra no ambiente virtual a fonte de ajuda, informações e possíveis estratégias de enfrentamento utilizando a autolesão, acreditando que assim, poderá aliviar os sintomas de dor psicológica através da dor e sofrimento físicos (COSTA; SILVA; VEDANA, 2019).

Arcoverde e Soares (2012), explicam que o comportamento autolesivo pode se manifestar em diversas fases ou momentos da vida, e em qualquer ambiente de convivência, no entanto, na adolescência o indivíduo se apresenta mais vulnerável ao problema.

Entre os fatores que podem influenciar a conduta autolesiva, o desajuste familiar é o que apresenta maior nível de apontamento na literatura, no qual percebe-se que nessa dinâmica há ausência de coesão entre os integrantes. Ademais, dificuldade de comunicação entre os pares, contato de confiança insuficiente, depressão, pressões psicológicas como consequências das exigências internas e sociais (CECCONELLO *et al.*, 2003).

Os comportamentos autolesivos são caracterizados pela agressão física intencional ao próprio corpo, podendo ser sem intenção suicida visando apenas aliviar tensões de caráter emocional, enquanto a ideação suicida são pensamentos, ideias e planos compreendendo desejos de tirar a própria vida. Ambos os comportamentos têm sido descritos por autores da Psicologia e da Psiquiatria como um padrão de externalização de sentimentos, com relevante implicações na vida dos adolescentes (HABIGZANG; DINIZ; KOLLER, 2014).

Como escopo também, a busca e concentração de informações científicas para se entender o comportamento autolesivo e ideação suicida, podendo assim colaborar na

identificação de casos, redução de estigmas, prevenção e diagnóstico precoce para minimizar sofrimentos e evitar que o adolescente cometa o suicídio.

A pergunta elaborada como questão norteadora desse trabalho foi: Como o acesso à internet pode potencializar e estimular os comportamentos autolesivos e ideação suicida nos adolescentes? Para tal, buscou-se responder as hipóteses, explorando a literatura científica acerca da caracterização do comportamento autolesivo e/ou ideação suicida, na faixa etária de 10 a 19 anos; a possibilidade da relação familiar e o contexto escolar serem fatores influenciadores da autolesão e ideação suicida na população adolescente; podendo ser o uso da internet potencializador e estimulador desses comportamentos nessa população e; descrever as possíveis propostas de intervenções que poderão auxiliar no tratamentos de comportamentos autolesivos e ideação suicida entre adolescentes.

O objetivo geral foi identificar fatores desencadeantes de comportamentos autolesivos e de ideação suicida entre adolescentes, bem como as interpretações mais recorrentes sobre a conduta autolesiva e de ideação e inserir a realidade que se apresenta com o acesso irrestrito à internet. Respondendo aos objetivos específicos sobre a caracterização do comportamento autolesivo e/ou ideação suicida; a identificação da relação familiar e o contexto escolar influenciarem a autolesão e ideação suicida; compreender como o uso da internet potencializa e estimula a autolesão e ideação suicida nos adolescentes e; as possíveis propostas de intervenções que poderão auxiliar no tratamento dos comportamentos autolesivos e ideação suicida nos adolescentes.

O estudo de revisão bibliográfica integrativa, se justificou como método para a análise da prevalência de disfunção na regulação emocional e/ou combinado à ideação suicida em adolescentes, bem como aos que se utilizam das mídias sociais, com o intuito de contribuir em se pensar na relevância de construir ações em saúde mental, como prevenção aos comportamentos suicidas e autolesivos nessa população.

Em relação a relevância acadêmica Botega (2015), apontam para a necessidade de maior efetividade nas ações em saúde mental de prevenção ao suicídio e comportamentos autolesivos. Que devem ser embasadas cientificamente, visando a constituição da tríade entre política, proteção e pesquisa. E ressalta o autor, que ainda é muito difícil alcançar essa junção.

Nessa perspectiva, buscou-se contribuir para importância de se analisar a prevalência de variáveis psicológicas disfuncionais na população adolescente, que eliciam comportamentos suicidas e autolesivos. Visto que, o fenômeno é crescente nessa faixa etária e ainda pouco estudado. Logo, abordar essa temática se legitimou porque o suicídio vem aumentando consideravelmente, apontado como a décima terceira maior causa de óbitos no

mundo, na faixa etária de 15 a 44. Pois, o fenômeno apresenta-se com grande relevância para a saúde pública, pela sua magnitude, gravidade no número de óbitos, internações e sequelas, anos potenciais de vida perdidos, e danos emocionais irreparáveis, sociais e econômico. Dessa forma, os prejuízos são incalculáveis na vida das vítimas e de suas famílias (FERNANDES; FERREIRA; CASTRO, 2016).

Tendo como uma das causas dessa problemática o acesso à internet. Portanto, o estudo visa investigar as condutas, as influências e as possibilidades de prevenção aos comportamentos autolesivos e ideações suicidas nos adolescentes que se utilizam dessa ferramenta, para diminuir suas angústias e sofrimentos. Como afirma Souza (2017, p. 54), “o efeito da internet ou de sites de redes sociais nos comportamentos suicidários precisam de atenção adicional, uma que vez que pode exercer efeitos de contágio, imitação ou de sugestão bastante negativos entre os adolescentes”.

No que tange a relevância pessoal, como profissional da área da saúde e buscando contribuir socialmente, estudar essa problemática foi o caminho viável para reconhecer os fatores de risco que podem ser desencadeadores de variáveis psicológicas disfuncionais, presentes na demanda de adolescentes que apresentam tais comportamentos. Dessa forma, compreender melhor o fenômeno que tem alta incidência na atualidade.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 ADOLESCÊNCIA

Considera-se a adolescência uma fase do desenvolvimento humano em que ocorrem naturalmente modificações psicológicas, físicas e sociais, sendo marcada por um período de contradições, conflitos e ambivalências (MOREIRA; BASTOS, 2015).

Com início na puberdade, que pode provocar impacto no adolescente, e desencadear alterações físicas causadas pela ação de hormônios, que interferem no desejo e na atividade sexual, podendo por sua vez, influenciar aspectos de agressividade, instabilidade emocional e irritabilidade, mediado por fatores ambientais e psicossociais. Tal impacto se reflete no modo de pensar, de sentir e de agir, com consequências psicológicas e comportamentais, determinando o seu repertório comportamental e sua reação diante das mudanças. Passando a demonstrar maior autonomia e um raciocínio mais complexo, mesmo que passível de distorções e de erros pela nova visão de mundo e pela influência do contexto social e cultural (RIBEIRO; ROCHA, 2017).

Bem como a constituição da identidade, sendo influenciada pelas vivências nas esferas física, cognitiva e social. Cujo processo, exige do adolescente a aceitação de sua imagem corporal, a decisão sobre propostas ideológicas, religiosas, a escolha de uma profissão, aspectos da sexualidade, valores morais, estilo de vida e de relações afetivas e etc. (RIBEIRO; ROCHA, 2017).

Para Erikson (2009), a adolescência é evidenciada como uma espécie de passo crucial na transformação do adolescente em um adulto maduro. A identidade e sua crise teriam dimensões tanto sociais quanto psíquicas. Sendo a identidade psíquica, considerada uma parte consciente e outra inconsciente, que está sujeita à dinâmica de conflitos internos; o que poderia ser explicado por meio dos picos de crise, resultantes das transformações sofridas naturais no desenvolvimento humano.

Bock (2008), também aponta sobre o aspecto afetivo do adolescente, o qual vivência conflitos, quando deseja libertar-se do adulto, contudo ainda depende dele. Tem o desejo de ser aceito pelos amigos e pelos adultos. O grupo de amigos é o seu importante referencial,

que determina o vocabulário, a forma de se vestir, referência moral, dentre outros aspectos comportamentais.

Sousa (2017), considera essa etapa do desenvolvimento normal dos adolescentes, quando se caracteriza por sentimentos de pertencimento à família, ao grupo de pares e a comunidade, com boa capacidade de lidar com as emoções. Enquanto no extremo oposto, a adolescência patológica reflete a falta de esperança e inabilidade de trabalhar as emoções, de estruturar um sentido de pertencimento e permanecer para o seu bem-estar emocional.

A adolescência contemporânea é marcada pela “solidão afetiva”, com a ausência dos pais e a introdução de cuidadores pagos, associados a computadores, televisores e vídeo-games de última geração. Dessa forma, as referências desses adolescentes não são mais os pais ou outros cuidadores familiares, mas sim personalidades impessoais de telenovelas, filmes, ícones da música, moda e esportistas que serão os modelos identificatórios e que servirão de “eixo valorativo para a construção do estilo de vida” dos adolescentes (SILVA; BOTTI, 2018, p. 208).

As autoras apontam que na atualidade, em função da escassez do exercício das práticas educativas pelos pais, os adolescentes não estão tendo mais os seus genitores ou familiares como referência de padrões de valores, e buscam construir um perfil pessoal valorando os personagens de recursos aos quais estão expostos como, música, esporte, filmes moda, dentre outros. Construindo assim, um espelho de identificação para o seu estilo de vida.

2.2 MODELOS DE EDUCAÇÃO FAMILIAR

Os estilos parentais, ou estilos educativos, são um conjunto de práticas educativas, apontado por Cassoni (2013), *apud* Magnani e Staudt (2018), como construtos relevantes nas relações estabelecidas e suas consequências entre pais e filhos. Como procede a interação entre pais e filhos, incluindo a atmosfera emocional presente nas relações, como ocorre a comunicação de regras e limites, afeta profundamente no repertório comportamental e de valores dos filhos. Sendo por meio do estilo parental que os progenitores e cuidadores transmitem suas crenças, seus valores e sua cultura.

O estilo parental permissivo é caracterizado como o funcionamento parental tolerante e de aceitação face aos comportamentos dos filhos, com baixos níveis de controle e autoridade dos pais. Em contrapartida, os pais que possuem estilo autoritário mantêm um comportamento exigente e de controle sobre os filhos, estimulando pela obediência e com baixo nível de responsividade, sendo rígidos e utilizando-se de punições para manter o controle, não estimulam autonomia, nem o diálogo e são pobres de afeto (CASSONI, 2013).

Segundo Ceconello *et al.*, (2003), os estilos parentais referem-se ao padrão global de características da interação dos pais com os filhos em diversas situações, que geram um clima

emocional, e em si. Comportamento parental entrelaça-se afetividade, responsividade e autoridade, corroborando com a perspectiva do autor supracitado.

Portanto, considerando a complexidade do contexto familiar, torna-se necessário entender as relações estabelecidas entre os membros e o seu elevado grau de influência que opera sobre o adolescente (SOUSA, 2017).

Nessa perspectiva, a família tem um papel fundamental no seu desenvolvimento global e de bem-estar. A dinâmica familiar pode assim, exercer um dos mais relevantes fatores de vulnerabilidade para o adolescente ou inversamente, de prevenção às diversas perturbações e comportamentos desajustados (SOUSA, 2017).

Numa pesquisa realizada por Magnani e Staudt (2018), que teve como objetivo compreender de que forma os estilos parentais e de que modo as relações entre pais e filhos são estabelecidas, a fim de prevenir o suicídio, utilizaram de uma metodologia de revisão narrativa, obtendo resultados de ocorrência de respostas positivas no desenvolvimento dos filhos, cujos pais possuíam estilos parentais com níveis de exigência e responsividade, como fatores de proteção aos filhos, para menor risco desenvolverem quadros de ansiedade e depressão, maior autoestima e autoconfiança, sendo ainda menos predispostos a comportamentos antissociais. Em contrapartida, os estilos parentais negligentes demonstraram favorecer nos filhos adolescentes, dados como comportamentos dependentes e de baixa autoestima, possibilitando a ocorrência sentimentos negativos que podem ser desencadeadores de comportamentos suicida (LIMA; BRITO; FONSECA, 2016; MAGNANI; STAUDT, 2018).

Portanto, a adolescência naturalmente sofre modificações psicológicas, físicas e sociais. A qual quando patológica, reflete a falta de esperança do sujeito, inabilidade de gerir as emoções, estruturar um sentido de pertencimento à familiar, e assim, apresentar dificuldade de permanecer no seu bem-estar emocional. Logo, podendo desencadear a ocorrência de consequências graves dos comportamentos suicida e autolesivos. Fenômeno que vem preocupando os estudiosos do assunto na atualidade.

2.3 A DOR CARACTERIZADA NO CORPO

De acordo com Tostes *et al.* (2018), os atos autolesivos são preocupantes porque traduzem um sofrimento emocional de seu praticante, trazendo cicatrizes não somente físicas, mas também emocionais, onde há prejuízo nas relações sociais e podem levar a comportamentos mais graves, incluindo a ideação suicida.

Vilhena e Prado (2015) afirmam que, os comportamentos autolesivos referem-se às ações praticadas por indivíduos contra si mesmos, e que levem ao dano físico, normalmente na forma de dano tecidual (cortes na pele principalmente). De acordo com a literatura,

o método de autolesão mais comumente relatado pelos adolescentes da comunidade é cortar ou esculpir a pele com um instrumento afiado, nomeadamente uma faca ou lâmina, ocorrendo sobretudo em áreas corporais facilmente ocultas, tais como os braços, pernas e estômago [...] Outros métodos menos frequentes incluem bater-se, morder-se, provocar feridas e puxar o cabelo [...] Investigações em amostras comunitárias sugerem que 10% dos adolescentes apresentam comportamentos autolesivos pelo menos uma vez ao longo da vida, sendo de forma mais consistente praticado pelos adolescentes do sexo feminino[...] a repetição da autolesão é comum em adolescentes e associam-se a perturbações ao nível da psicopatologia geral, nomeadamente ansiedade, depressão, impulsividade e agressividade associados a um diagnóstico psiquiátrico, especialmente doença afetiva (SOUZA, 2017, p. 13).

A autora descreve os instrumentos utilizados pelos adolescentes para esculpir ou cortar a pele e as áreas do corpo mais praticadas para expressar seus sentimentos. Sendo o sexo feminino mais propenso. E ainda aponta que, investigação por amostragem sugere que 10% dos adolescentes apresentam comportamentos autolesivos pelo menos uma vez na vida.

Para Cedaro e Nascimento (2013), os comportamentos autolesivos por vezes se apresentam exclusivamente na forma de automutilação, e geralmente está presente na população que engloba os grupos etários de jovens e adultos. As condições psiquiátricas tais como transtorno de personalidade *borderline*, são associadas com comportamento autolesivo deliberado na ausência de intenção suicida, que é descrita como comportamento autolesivo não-suicida.

Vieira, Pires e Pires (2016) afirmam que, o corte de pele, queimar ou interferir a cicatrização de feridas são exemplos destes comportamentos. Nestas condições podem ser relacionados a impulsividade, desregulação emocional e habilidades de enfrentamento inadequadas, pois:

[...] tais práticas são utilizadas como meio de suplantando dores de cunho emocional, em que o indivíduo não sabe lidar como o faz com a dor física. Os ferimentos causados podem ter, ainda, a intenção de aliviar o sentimento de culpa sacrificando uma parte do corpo. (COUTO; CUNHA, 2017, p. 237).

A conduta autolesiva se mostra mais prevalente em mulheres do que entre os homens em estado emocional semelhante. O que pode ser explicado pelo fato de que mulheres e homens lidam de maneira diferente com as experiências durante o desenvolvimento, sendo as meninas tradicionalmente mais voltadas a identificar, reconhecer e ter consciência das experiências emocionais. Por isso, elas tendem mais a buscar formas de regulação emocional,

podendo o comportamento autolesivo surgir como alternativa (CEDARO; NASCIMENTO, 2013; FONSECA *et. al.*, 2018), visto que:

[...] Tal sintoma, significativamente frequente na adolescência e, de modo mais específico, no sexo feminino [...]. Podemos observar que são muitas as situações nas quais as pessoas se deparam com condições de vulnerabilidade, o que acarretará consequências de diversos matizes, muitas das quais resultarão em problemas que chegarão a equipamentos psiquiátricos por se relacionarem a situações que envolvem riscos graves. [...] evidenciando que o cuidado, nesses casos, é muito importante, tanto pelo fato desses sintomas se vincularem a sofrimentos emocionais quanto por prejudicarem a saúde física de modo transitório ou duradouro (TOSTES; *et al.* 2018, p. 259).

Dados de pesquisas recentes, apontam que 10% dos adolescentes apresente comportamentos autolesivos pelo menos uma vez ao longo da vida, sendo mais frequentes no gênero feminino. Entre populações clínicas de adolescente que realizam acompanhamento médico continuado, a prevalência destes comportamentos é ainda superior, com taxas que alcançam 82% (JORGE *et.al.*, 2015).

Segundo descrevem Raupp, Marin e Mosmann (2018), o comportamento de se autolesionar, também conhecido como automutilação, autolesão não suicida, cometido pelo adolescente como manifestação de um sofrimento psíquico, tem ganhado destaque face à sua incidência. Em geral, o indivíduo engaja-se com o propósito de reduzir emoções negativas, como tensão, ansiedade autocensura, ou resolver uma dificuldade interpessoal. Podendo ainda cometer como uma autopunição merecida (APA, 2014).

Considera-se conduta autolesiva uma alternativa utilizada como estratégia para a esquiva ou enfrentamento do estresse. Pois o adolescente ao se encontrar numa situação de sofrimento psíquico, ele se lesiona propositalmente, pois a dor física pode desviar o foco desse sofrimento, amenizando assim o problema, mesmo que temporariamente (KAPLAN *et al.*, 1997 *apud* ARCOVERDE; SOARES, 2012).

Tal conexão entre o emocional e o físico pode ser explicada biologicamente, dado que:

O córtex pré-frontal mantém contato direto com algumas estruturas do sistema límbico envolvidas no processamento emocional, como o hipotálamo, o hipocampo e a amígdala. Assim, disfunções nos mecanismos de regulação emocional também podem ser fatores correlacionados a comportamentos autolesivos. O hipotálamo é tido como um centro de controle das manifestações fisiológicas que acompanham as emoções e o hipocampo não participa diretamente dos mecanismos neurais da emoção, mas age na consolidação das memórias, inclusive daquelas com conteúdo emocional (LENT, 2005 *apud* ARCOVERDE; SOARES, 2012 p. 295).

Com isso, é possível compreender a importância e a influência da atividade cerebral que, estando em pleno gozo de todas as faculdades mentais pertinentes ao ser humano, exerce controle sobre a regulação emocional dos indivíduos de forma a manter todas as interações psíquicas dentro dos padrões socialmente pré-determinados.

Na regulação emocional, os comportamentos autolesivos são vistos como uma estratégia para aliviar emoções negativas intensas e indesejadas. Emoções como raiva, ansiedade e frustração tendem a estar presentes antes da prática de autolesão e sensações de calma e alívio são experimentadas logo após o ato. Jovens com uma disposição biológica para a instabilidade emocional possuem dificuldades na gestão das suas emoções e tornam-se propensos a usar a autolesão como estratégia desadaptada de regulação emocional. Quando associado a ideação suicida, que por vezes são indicativos que podem ser detectados precocemente e acompanhados, e assim prevenir de forma concreta as tentativas e o ato consumado do suicídio (KLONSKY; MUEHLENKAMP, 2007; JORGE *et.al.*, 2015).

2.4 SUICÍDIO E CONDUTA AUTOLESIVAS

O suicídio pode ser explicado como um ato deliberado praticado pelo próprio indivíduo, com a intenção de pôr fim a vida, de maneira consciente e intencional, ainda que ambivalente, empregando um meio, pelo qual ele acredita ser letal (ABP, 2014).

Bem como fazem parte os comportamentos suicidas: os pensamentos, os planos e a tentativa de suicídio. Sendo considerado um fenômeno presente na história da humanidade, envolvendo diversas culturas, como um comportamento com determinantes multifatoriais e produto de uma complexa interação de fatores psicológicos, biológicos, culturais e socioambientais (ABP, 2014).

Há distinção entre a automutilação e a tentativa de suicídio por três aspectos: letalidade, repetição e ideação ou intenção. Visto que a automutilação apresenta baixa letalidade, quando os danos físicos variam de superficiais a moderados. Pois os sujeitos que se cortam desejam apenas aliviar a suposta raiva. A repetição como sendo atos repetitivos desse comportamento, podendo ocorrer de 2 a 100 episódios ao ano (ASSUMPCÃO, 2016).

A ideação suicida se refere aos pensamentos de autodestruição e ideias suicidas, que compreende desejos, atitudes e planos que o indivíduo tem para pôr fim à própria vida. Os pensamentos tornam-se desadaptativos quando parecem ser a única solução para os problemas, tornando-se um sério risco de tentativa de suicídio ou suicídio. Faz-se necessário não só a detecção precoce desses pensamentos, mas entender as causas e as particularidades desse período (MOREIRA; BASTOS, 2015).

Os dados do Ministério da Saúde, evidenciam a realidade do perfil das lesões autoprovocadas e tentativas de suicídio, registradas no Boletim Epidemiológico do Sistema de Informação de Agravos de Notificação (SINAN), como segue abaixo:

No período de 2011 a 2018 foram notificados no SINAN, 339.730 casos de violências interpessoais ou autoprovocadas. Desse total, 154.279 (45,4%) aconteceram na faixa etária de 15 a 29 anos. Sendo 103.881 (67,3%) no sexo feminino e 50.388 (32,7%) no sexo masculino.

No período de 2011 a 2017, foram registrados 80.352 óbitos por suicídio na população a partir de 10 anos, desses 21.790 (27,3%) aconteceram na faixa etária de 15 a 29 anos, sendo 17.221 (79,0%) no sexo masculino e 4.567 (21,0%) no feminino (BRASIL, 2019).

Verificou-se que houve um aumento no número de óbitos por suicídio entre os jovens de 15 a 29 anos, sendo 8,7% entre os homens e 7,3% entre as mulheres, registrado no período de 2011 e 2017 (BRASIL, 2019).

Considerando a gravidade dos dados registrados no SINAN, o “tabu” associado aos transtornos psiquiátricos ainda é velado na sociedade, e a demonstração de sofrimento psicológico é considerado um sinal de fraqueza. De forma geral, a saúde mental é um tema incômodo para a maioria das pessoas, em virtude disso pouco se fala sobre o assunto. No tratamento sobre o suicídio, o receio em abordar o assunto é ainda maior. E ainda há a falha da mídia, que geralmente abordam o tema de maneira estereotipada e pouco viável. Portanto, o estigma imposto sobre assuntos de saúde mental prejudica a divulgação de informações, a precisa identificação de pacientes em risco e o estabelecimento de intervenções adequadas, sobretudo para a população adolescente (SBNp, 2018).

Segundo Dattilio e Freeman (2004) afirmam que, os adolescentes deprimidos experimentam uma gama de pensamentos negativos sobre si mesmos, seu mundo, ou suas experiências, e seu futuro. Eles tendem a se ver como tendo graves falhas de comportamento - sendo sua autoestima avaliada como características pessoais negativas. E como consequência acreditam que os outros os rejeitam e não os apoiam. E tendem acreditar não ter recursos para resolver suas dificuldades e veem o futuro como sem esperança.

De acordo com os dados da pesquisa de dissertação de mestrado de Sousa (2017), “O Impacto das Variáveis Relacionais e Individuais na Adolescência: relação com a ideação suicida e os comportamentos autolesivos” realizada com o público adolescente, apresentou os seguintes resultados: demonstrando que, aproximadamente dois terços dos adolescentes da amostra que cometiam comportamentos autolesivos, apresentavam também ideação suicida.

Também foi comprovado que os adolescentes que praticam comportamentos autolesivos apresentam níveis superiores de ideação suicida relativamente aos adolescentes

que não praticam comportamentos autolesivos, cuja presença de ideação suicida é significativamente menor. Por fim, comprova-se igualmente que uma maior frequência de comportamentos autolesivos aumentam os níveis de ideação suicida nos adolescentes (SOUSA, 2017).

Baggio *et al.*, (2009), também realizaram pesquisas na escola com o público adolescente, com idade entre 12 e 18 anos. E constatou a prevalência de 6,3% dos adolescentes com planejamento suicida, observando o risco do fato de o comportamento desta taxa, afetar o comportamento dos outros adolescentes. Referindo-se que as relações disfuncionais na família, isolamento, agressões e sintomas depressivos são fatores relacionados à prevalência do planejamento suicida.

Braga (2017) também afirma que, adolescentes homossexuais que sofrem de violência homofóbica psicológica, física ou sexuais como preconceito, discriminação, opressão, dentre outras formas de exclusão, vivenciadas no seu contexto público, privado, no bairro, na escola, na família. Gera impacto na saúde, podendo levar o menor ao isolamento social, baixo desempenho escolar, uso compulsivo da internet e baixa autoestima. Tais variáveis são gatilhos para desencadear comportamentos de ideação suicida e/ou automutilação.

De acordo como DSM-5, o transtorno do comportamento suicida é caracterizado pela tentativa de suicídio, que o indivíduo realizou com pelo menos alguma intenção de morrer. Podendo ou não levar a lesão ou a consequências médicas graves. Diversos fatores podem influenciar as consequências médicas da tentativa de suicídio, envolvendo o mau planejamento, a falta de conhecimento sobre a letalidade do método escolhido, baixa intencionalidade ou a ambivalência. O comportamento suicida pode ocorrer em qualquer momento durante a vida. Sendo que aproximadamente, 25 a 30% (vinte e cinco a trinta por cento) das pessoas que cometeram o ato, poderão tentar novamente. Podendo tal conduta estar encoberta pelos mitos que envolvem o agravo (APA, 2014).

2.5 MITOS DO SUICÍDIO

Mitos são entendidos como uma crença inconsciente, um segredo ou uma atitude que pela escassez de explicações plausíveis, perpetuam em gerações descendentes de uma família ou grupo social, determinando condutas comportamentais. No contexto dos comportamentos suicida, tais crenças estão sustentadas socialmente em função do “tabu” que encobre o problema (AGUIAR, 2017).

O suicídio por ser um fenômeno que acompanha a história da humanidade, porém ainda com grande enfoque na atualidade, existem vários mitos e verdades que precisam ser

esclarecidos para se reconhecer a manifestação nos comportamentos suicida. De acordo a OMS (2006), há diversos mitos, alguns dos mais comuns são:

Quadro 1 - Mitos e verdades a respeito do comportamento suicida:

FALSO	VERDADEIRO
Mito 1: As pessoas que falam sobre o suicídio não farão mal a si próprias, pois querem apenas chamar a atenção.	Deve-se tomar todas as precauções necessárias com um indivíduo que fala de ideação, de intenção ou de um plano suicida. Todas as ameaças de se fazer mal devem ser levadas muito a sério.
Mito 2: O suicídio é sempre impulsivo e acontece sem aviso.	Morrer pelas suas próprias mãos pode parecer ter sido impulsivo, mas o suicídio pode ter sido ponderado durante algum tempo. Muitos indivíduos suicidas comunicam algum tipo de mensagem verbal ou comportamental sobre as suas ideias da intenção de se fazerem mal.
Mito 3: Os indivíduos suicidas querem mesmo morrer ou não estão decididos a matar-se.	A maioria das pessoas que se sentem suicidas partilham os seus pensamentos com pelo menos uma outra pessoa, ou ligam para uma linha telefônica de emergência ou para um médico, o que constitui prova de ambivalência, e não de empenhamento em se matar.
Mito 4: Quando um indivíduo mostra sinais de melhoria ou sobrevive a uma tentativa de suicídio, está fora de perigo.	Na verdade, um dos períodos mais perigosos é imediatamente depois da crise, ou quando a pessoa está no hospital, na sequência de uma tentativa. A semana que se segue à alta do hospital é um período durante o qual a pessoa está particularmente fragilizada e em perigo de se fazer mal. Como um preditor do comportamento futuro é o comportamento passado, a pessoa suicida muitas vezes continua em risco.
Mito 5: O suicídio é sempre hereditário.	Nem todos os suicídios podem ser associados à hereditariedade e estudos conclusivos são limitados. Uma história familiar de suicídio, no entanto, é um fator de risco importante para o comportamento suicida, particularmente em famílias onde a depressão é comum.
Mito 6: Os indivíduos que tentam ou cometem suicídio têm sempre alguma perturbação mental.	Os comportamentos suicidas têm sido associados à depressão, abuso de substâncias, esquizofrenia e outras perturbações mentais, além de aos comportamentos destrutivos e agressivos. No entanto, esta associação não deve ser subestimada. A proporção relativa destas perturbações varia de lugar para lugar e há casos em que nenhuma perturbação mental foi detectada.
Mito 7: Se um conselheiro falar com um cliente sobre suicídio, o conselheiro está a dar a ideia de suicídio à pessoa.	Um conselheiro obviamente não causa comportamento suicida simplesmente por perguntar aos clientes se estão a considerar fazer-se mal. Na verdade, reconhecer que o estado emocional do indivíduo é real, e tentar normalizar a situação induzida pelo stress são componentes necessários para a redução da ideação suicida.
Mito 8: O suicídio só acontece “àqueles outros tipos de pessoas” não a nós.	O suicídio acontece a todos os tipos de pessoas e encontra-se em todos os tipos de sistemas sociais e de famílias.
Mito 9: Após uma pessoa tentar cometer suicídio uma vez, nunca voltará a tentar novamente.	Na verdade, as tentativas de suicídio são um preditor crucial do suicídio.
Mito 10: As crianças não cometem suicídio dado que não entendem que a morte é final e são cognitivamente incapazes de se empenhar num fato suicida.	Embora seja raro, as crianças cometem suicídio e, qualquer gesto, em qualquer idade, deve ser levado muito seriamente.
Mito 11: O suicídio é uma decisão	Os suicidas estão passando quase invariavelmente por uma

individual, já que cada um tem pleno direito a exercer o seu livre arbítrio.	doença mental que altera, de forma radical, a sua percepção da realidade e interfere em seu livre arbítrio. O tratamento eficaz da doença mental é o pilar mais importante da prevenção do suicídio. Após o tratamento da doença mental o desejo de se matar desaparece.
Mito 12: É proibido que a mídia aborde o tema suicídio.	A mídia tem obrigação social de tratar desse importante assunto de saúde pública e abordar esse tema de forma adequada. Isto não aumenta o risco de uma pessoa se matar; ao contrário, é fundamental dar informações à população sobre o problema, onde buscar ajuda etc.

Fonte: OMS (2006).

2.6 O IMPACTO DO MEIO SOCIAL NOS COMPORTAMENTOS AUTOLESIVOS

2.6.1 Ambiente virtual

Estudos tem demonstrados que atualmente, o número no acesso de páginas da web sobre o comportamento autolesivo tem se multiplicado, tendo em vista o avanço da acessibilidade e desenvolvimento da comunicação pela Internet. Considerando tal prática caracterizada como uma epidemia. Na qual, comunidades com esse perfil são visitadas com frequência, fornecendo dessa forma, um meio para a divulgação da autolesão e comportamentos suicida (COSTA; SILVA; VEDANA, 2019).

Os autores acima citados, apontam que o contato com informações danosas sobre a autolesão, pode acabar em malefício como: a naturalização do comportamento, gatilho ou fonte de contaminação entre os usuários do ambiente online. O qual tem ainda, o potencial de funcionar como grupo de apoio e amenização do isolamento social.

Para exemplificar a questão, pode-se citar a plataforma *Tumblr* de blogs, com sede em Nova Iorque, Estados Unidos da América (EUA). A qual vem sendo utilizada como uma forma de propagação de conteúdo sobre a autolesão em *blogging* de cadastro gratuito. Local em que os usuários podem relatar o que sentem e vivenciam, postar sobre o que quiserem, sendo possível “seguir” outros blogs e ser “seguido” (OTTO; SANTOS, 2016).

Costa, Silva e Vedana (2019) afirmam que, em virtude do impacto do suicídio e do comportamento autolesivo no cenário mundial, sobretudo entre jovens, procurou-se compreender o fenômeno por meio de estudos realizados no ambiente virtual da plataforma *Tumblr*, acerca das postagens publicadas pelos usuários. Logo os resultados desse trabalho foram: sentimentos revelados de auto-depreciação, desajustamento social, sensação de inutilidade e insignificância, desesperança (falta de perspectivas), desamparo social (sensação de abandono), planejamento suicida como a única solução para colocar um fim ao sofrimento psíquico, dentre outros.

Outra plataforma de acesso dos adolescentes com perfil para autolesão e comportamentos suicida, é a rede social virtual do *Facebook*, a qual seleciona seus participantes como grupos aberto, fechado ou secreto. A principal diferença dos três está na

permissão para visualizar as postagens, sendo o grupo aberto o único que permite a visualização sem participar do grupo. No entanto, os grupos fechados e secretos precisam de permissão do administrador para participar e visualizar as publicações dos integrantes. Um estudo realizado permitiu identificar a composição e estrutura do grupo de automutilação da rede social virtual *Facebook*

a partir da identificação de suas características para operacionalização do grupo. Encontrado entre os participantes do grupo de automutilação no Facebook características identitárias de usuários adolescentes, faixa etária predominante para o comportamento autolesivo e que possui maior uso da Internet (SILVA; BOTTI, 2018, p. 209).

Esse estudo evidenciou fatores de vulnerabilidade desses adolescentes, como transtornos alimentares, isolamento social; fuga de problemas, psicopatologias, busca de atenção, desamparo; falta (ausência ou omissão) dos pais e pela sensação que causada do próprio ato de se ferir. O grupo de automutilação da rede social virtual facebook, agem por meio do efeito de contágio e gatilho, provocado pela visualização de fotos e/ou postagens e operam sob a influência de identificação de um ídolo, pares ou pela sensação de pertencimento a um grupo. Nesse ambiente virtual, buscam apoio (conselhos) dos parceiros e demonstram interesse por informações acerca de objetos cortante, extensão dos ferimentos e cicatrização. Sendo o perfil de usuários com maior tempo de acesso à internet de acordo com (SILVA; BOTTI, 2018).

Também aponta a “pesquisa brasileira de mídia 2015 hábitos de consumo de mídia pela população brasileira” (BRASIL, 2015), que o risco ao indivíduo sofrer influências e potencializar o comportamento autolesivo é verdadeiro, visto que 76% das pessoas no País acessam o ambiente virtual todos os dias, com média de 4h59min, o que traz características como atemporalidade e extraterritorialidade, ou seja, não há limites para se obter a informação ou mesmo de contato com outras pessoas. Pois:

É notório que a Internet atua como um importante recurso de conectividade entre os indivíduos, principalmente indivíduos que se sentem isolados. Estudos apontam que a Internet intervém sobre indivíduos vulneráveis de duas formas principais: como espaço de apoio mútuo, com troca de experiências e suporte emocional, diminuindo sentimentos de solidão e isolamento, ou como espaço nocivo com troca de informações anônimas ou com gatilhos para comportamentos de risco (SILVA; BOTTI, 2018, p. 205).

As autoras explicam que a internet como um meio de contato entre os indivíduos, aqueles que apresentam algum tipo de vulnerabilidade psíquica, utilizam desse espaço como

apoio - por considerar um ambiente “sem julgamento”, podendo ser a mola para desencadear comportamentos de risco.

Ainda de acordo com as autoras supracitadas, apontam que pais, profissionais da área de saúde e governos têm manifestado grande preocupação com o alcance e a propagação da internet, em relação à crianças e adolescentes, sobre a influência e estímulo ao suicídio e automutilação. Porque em pesquisas científicas, descobriu-se a grande procura por termos como “autolesão e corte”, “autolesão e filho” “autolesão e fóruns” e “autolesão e causas e razões” na plataforma da internet.

Haja visto a magnitude do problema nesse contexto, torna-se evidente a necessidade de se realizar ações em saúde mental de prevenção ao comportamento autolesivo virtual, como grupo de apoio, suporte ou autoajuda online. Haja visto que, os adolescentes encontram no ambiente virtual a fonte de ajuda, informações e possíveis estratégias de enfrentamento da dor psíquica. (COSTA; SILVA; VEDANA, 2019).

Tendo em vista o contexto do agravo, Müller, Pereira e Zanon (2017), apontam para uma intervenção preventiva, que deve se basear no trabalho multidisciplinar para o atendimento de indivíduos com comportamentos suicida. Pois o trabalho em equipe, favorece a aplicação de técnicas intervencionais e planejamento coordenado de ações. Que devem ser comunicadas e articuladas de forma integrada e efetiva, abrangendo as diversas áreas do saber e práticas em saúde mental, que cada área profissional traz como contribuição. Assim, as interações interdisciplinares no atendimento ao sujeito em sofrimento, propicia uma forma de cuidado integral na preservação da vida, sobretudo dos adolescentes que vivenciam tais condutas.

Nesse sentido, Baggio *et al.*, (2009) também destacam a escola, como o *locus* privilegiado para serem adotadas as principais estratégias de prevenção, fomentando o papel promocional e de proteção à saúde dos alunos. Uma vez que, é neste contexto que os padrões de relacionamentos e comportamentos são reproduzidos.

A escola como sendo o ambiente de surgimento das situações disfuncionais dos educandos, como aspectos relacionados ao meio familiar, grupo de amigos etc. - podem ser identificadas precocemente, e não colocar em risco a vida dos jovens. Visto que a escola é de extrema importância para a qualidade de vida dos adolescentes (BAGGIO *et al.*, 2009).

Lima, Silva e Raboni (2010), também afirmam que a escola pode ser uma rede de apoio importante aos adolescentes na prevenção de fatores de riscos, em especial aos que vivem submetidos a situações adversas em suas comunidades e famílias. Considerando que esta pode funcionar como uma estrutura de proteção, ao criar espaços de convivência

saudável, aprendizagem, reforço de habilidades, sociais e emocionais fundamental para o desenvolvimento do jovem.

Nela é possível compreender os sentimentos atribuídos às relações vividas entre os grupos de adolescentes e seus pares, bem como com os profissionais da escola no processo de escolarização. Visando sempre práticas e experiências mais significativas, para a compreensão da percepção em relação ao rendimento acadêmico, a expectativa depositada na escola e no estudo em relação ao seu futuro projeto de vida, e suas percepções em relação ao ambiente escolar (LIMA; SILVA; RABONI, 2010).

2.6.2 Política Nacional de Prevenção da Automutilação e do Suicídio

A Política Nacional de Prevenção da Automutilação e do Suicídio, aprovada pela Lei 13.819 de 26 de abril de 2019, instituiu como estratégia permanente do poder público para a prevenção desses eventos e para o tratamento dos condicionantes a eles associados. A qual prevê o envolvimento de toda a sociedade, sobretudo dos profissionais de saúde, educação e comunicação no combate ao agravo, como segue abaixo:

I - Promover a saúde mental;

II - Prevenir a violência autoprovocada;

III - Controlar os fatores determinantes e condicionantes da saúde mental;

IV - Garantir o acesso à atenção psicossocial das pessoas em sofrimento psíquico agudo ou crônico, especialmente daquelas com histórico de ideação suicida, automutilações e tentativa de suicídio;

V - Abordar adequadamente os familiares e as pessoas próximas das vítimas de suicídio e garantir-lhes assistência psicossocial;

VI - Informar e sensibilizar a sociedade sobre a importância e a relevância das lesões autoprovocadas como problemas de saúde pública passíveis de prevenção;

VII - Promover a articulação intersetorial para a prevenção do suicídio, envolvendo entidades de saúde, educação, comunicação, imprensa, polícia, entre outras;

VIII - Promover a notificação de eventos, o desenvolvimento e o aprimoramento de métodos de coleta e análise de dados sobre automutilações, tentativas de suicídio e suicídios consumados, envolvendo a União, os Estados, o Distrito Federal, os Municípios e os estabelecimentos de saúde e de medicina legal, para subsidiar a formulação de políticas e tomadas de decisão;

IX - Promover a educação permanente de gestores e de profissionais de saúde em todos os níveis de atenção quanto ao sofrimento psíquico e às lesões autoprovocadas.

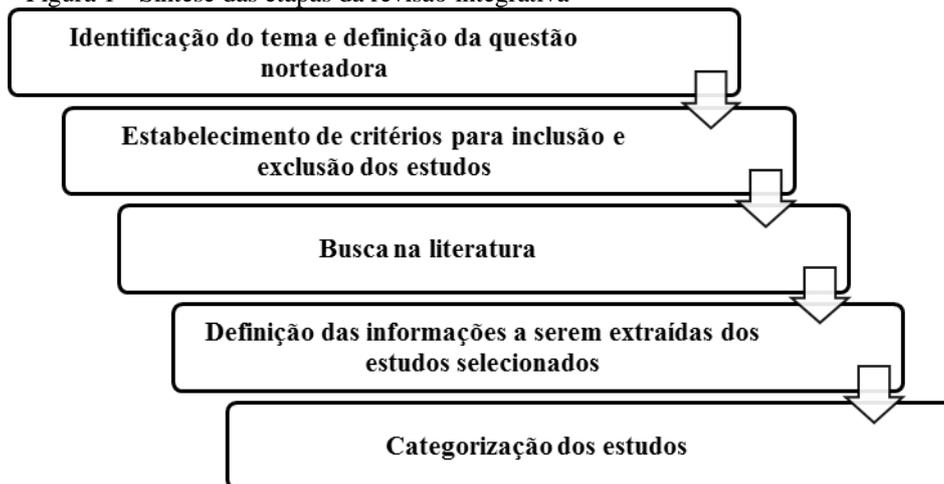
Com a instituição dessa política nacional de prevenção da automutilação e do suicídio, vem contribuir para possível implantação de projetos com discussão sobre prevenção e promoção de saúde mental na escola, que pode envolver às famílias. Sendo assim, possibilitá-las apoio no enfrentamento do agravo, com os filhos acometidos pela conduta de autoagressão. Uma vez que essas famílias têm dificuldades em tratar do tema publicamente por ser “tabu”, envolve medo e sentimento de culpa, logo optam por silenciarem suas dores a divulgar suas dificuldades (Santos; Schmidt, 2019). Bem como fortalecer os serviços de saúde ao intervir nos casos clínicos e promover a assistência psicossocial às famílias. Nesse contexto de intervenções aos comportamentos autolesivos e suicidas, os veículos de comunicação também podem contribuir com a divulgação sobre os trabalhos desenvolvidos pelas instituições de educação e de saúde, contribuindo assim, para a desmistificação do estigma acerca da saúde mental. Dessa forma consequentemente, com toda a sociedade sensibilizada, o resultado será observado na redução das notificações dos casos de autoagressão registrados no banco de dados do SINAN/MS e, portanto, a população adolescente mais saudável. Na sequência tratou-se do método de elaboração desse estudo.

3 METODOLOGIA

Trata-se de estudo com abordagem qualitativa de revisão integrativa. Que permitiu a inclusão de estudos experimentais e não-experimentais para uma compreensão mais ampla do fenômeno analisado. Sendo relevante na comunicação dos resultados de pesquisas, facilitando o uso desses resultados na prática, pois proporciona uma síntese do conhecimento já produzido e fornece contribuições para a melhoria da assistência à saúde (SOUZA; SILVA; CARVALHO, 2010).

De acordo com Marconi e Lakatos (2010), quando se opta pela pesquisa bibliográfica é preciso estar ciente de que esta deve abranger o maior número de informações (mesmo que divergentes entre si) publicadas sobre o tema definido, e precisam ter como utilidade, a possibilidade de trazerem reflexões e posterior conclusão.

Figura 1 - Síntese das etapas da revisão integrativa



Fonte: elaborado pela autora, 2020.

Dessa forma, conforme a Figura 1, as etapas da presente revisão integrativa deram-se da seguinte forma:

1. Identificação do tema e definição da questão norteadora:

Assim, foi elaborada como questão norteadora para a presente revisão integrativa a seguinte indagação: Como o acesso à internet potencializa e estimula os comportamentos autolesivos e ideação suicida nos adolescentes?

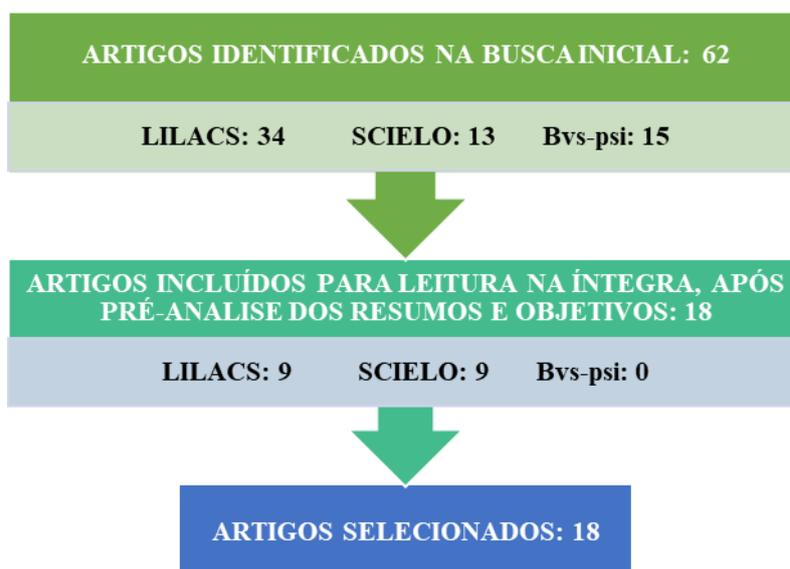
2. Estabelecimento de critérios para inclusão e exclusão dos estudos:

Os critérios de inclusão utilizados foram: artigos científicos completos em português, disponíveis gratuitamente nas bases de dados pesquisadas, que abordam a temática dos comportamentos autolesivo e suicida em adolescentes de 10 a 19 anos. Com um recorte temporal para estudos publicados entre os anos de 2015 a 2019, por conveniência dos autores. Foram excluídos da pesquisa, artigos repetidos e incoerentes com a temática em questão.

3. Busca da Literatura:

As bases de dados pesquisadas foram: Biblioteca Virtual de Psicologia (Bvs-psi), Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS) e a Biblioteca *Scientific Eletronic Library Online* (SciELO), por comporem as mais relevantes fontes de informação da literatura científica. Sendo utilizados, os seguintes descritores: autolesão e ideação suicida. Com levantamento de dados realizado no mês de março de 2020.

Figura 2 - Fluxograma da seleção dos artigos nas bases de dados:



Fonte: elaborado pela autora, 2020.

A figura 2, retrata o fluxograma da seleção dos artigos, na busca inicial pelos descritores autolesão e ideação suicida, foram encontrados 62 artigos, sendo: LILACS (34), SCIELO (13) e Bvs-psi (15), porém apenas 18 entraram nessa pesquisa, por seguirem todos os critérios de inclusão, os artigos encontrados na base Bvs-psi foram os mesmos da base SCIELO e por serem repetidos, foram excluídos.

4. Definição das informações a serem extraídas dos estudos selecionados:

Com o intuito de auxiliar na visualização dos principais artigos selecionados foram catalogadas no Quadro 2 as seguintes informações: título, autores, ano da publicação e objetivo; as categorias temáticas foram identificadas após análise descritiva e qualitativa da amostra bibliográfica.

Quadro 2 - Caracterização dos estudos incluídos de acordo com os eixos temáticos:

Nº	TÍTULO	AUTORES/ANO	OBJETIVO
1	Comportamentos autolesivos na adolescência e disfunção familiar: relato de caso	Duarte; Cruz; Oliveira (2015).	Pretende-se demonstrar como os cuidados de saúde primários permitem uma orientação adequada das situações de comportamentos autolesivos e de disfunção familiar, devido à sua acessibilidade e capacidade de articulação com outros recursos.
2	Vivências e necessidades dos pais no internamento do filho adolescente com comportamento autolesivo	Trinco; Santos e Barbosa (2017).	Identificar as vivências/necessidades dos pais dos adolescentes com idade entre os 13 e os 18 anos com comportamento autolesivo, e que ficaram internados no serviço de urgência de um hospital pediátrico.
3	O adolescente com comportamento autolesivo sem intenção suicida no internamento	Trinco; e Santos (2017).	Caracterizar os adolescentes com comportamento autolesivo que recorreram no serviço de urgência de um hospital pediátrico; categorizar os comportamentos autolesivos;

	do serviço de urgência de um hospital pediátrico da região centro		identificar o motivo que levou ao comportamento autolesivo.
4	Comportamento autolesivo ao longo do ciclo vital: revisão integrativa da literatura	Silva; Botti (2017).	Identificar na literatura científica os fatores associados ao comportamento autolesivo deliberado no ciclo vital.
5	Risco para violência autoprovocada: prenuncio de tragédia, oportunidade de prevenção	Félix; Oliveira; Lopes; Dias; Parente; Moreira (2019).	Analisar a associação de fatores considerados de risco com a tentativa de suicídio em pessoas atendidas em um hospital de referência da região norte do Ceará a partir do método caso-controle de base populacional.
6	Saúde mental e comportamentos da esfera suicidária dos adolescentes numa região insular portuguesa	Neves; Santos (2016).	Estudar a população adolescente estudante da região insular de modo a conhecer a realidade atual e planejar projetos de intervenção comunitária nesse âmbito, por forma a dar resposta às necessidades identificadas.
7	Prevalência de pensamentos e comportamentos suicidários e associação com a insatisfação corporal em adolescentes	Claumann; Pinto; Silva; Pelegrini (2018).	Estimar a prevalência de pensamentos e comportamentos suicidas e a associação com a insatisfação corporal em adolescentes.
8	Eficácia das intervenções psicoterapêuticas dirigidas a adolescentes com comportamento suicida: revisão integrativa da literatura	Simões; Santos; Martinho (2019).	Identificar a evidência científica atual e disponível sobre as intervenções psicoterapêuticas dirigidas a adolescentes com comportamentos suicidários e conhecer a eficácia dessas intervenções ao nível da ideação suicida, depressão e repetição do comportamento suicida.
9	Questionário de Impulsividade, Autoagressão e Ideação Suicida para Adolescentes (QIAIS-A): propriedades psicométricas	Peixoto; Palma; Farias; Santana; Zanini; Bueno (2019).	Adaptar transculturalmente para o português brasileiro e estimar as primeiras evidências de validade e precisão do Questionário de Impulsividade, Auto-dano e Ideação Suicida para Adolescente QIAIS-A.
10	Automutilações na adolescência e suas narrativas em contexto escolar	Lopes; Teixeira; (2019).	Discutir a automutilação e suas narrativas por adolescentes em contexto escolar.
11	Autolesão sem intenção suicida entre adolescentes	Fonseca; Silva; Araújo; Botti (2018).	Avaliar a frequência e as características da autolesão entre adolescentes.
12	Adolescência em atos e adolescentes em ato na clínica psicanalítica	Jucá; Vorcaro (2018).	Reflexão teórica sobre a experiência clínica com adolescentes atendidos em um Centro de Atenção Psicossocial à Infância e à Adolescência (CAPSi).
13	O Tumblr e sua relação com práticas autodestrutivas: o caráter epidêmico da autolesão	Otto; Santos (2016).	Compreender se a utilização da plataforma blogging Tumblr possuía influência na disseminação do conteúdo e prática da autolesão entre adolescentes.
14	Prevalência e fatores associados à ideação suicida na adolescência: revisão de literatura	Moreira; Bastos (2015).	Prevalência e os principais fatores associados à ideação suicida em adolescentes da população não clínica.
15	O serviço social no atendimento de	Stavizki Junior; Viccari	Reflexões sobre o fenômeno do suicídio na adolescência, a partir da análise

	emergências psiquiátricas: processos de trabalho de assistentes sociais e residentes no atendimento de pacientes adolescentes com ideação e tentativa de suicídio	(2018).	dos processos de trabalho de Assistentes Sociais residentes de um Serviço de Emergência do SUS.
16	Vinculação aos pais, competências sociais e ideação suicida em adolescentes	Nunes; Mota (2017).	Analisar o papel da vinculação aos pais e das competências sociais no desenvolvimento de ideação suicida em adolescentes.
17	Escala de avaliação de humor para adolescentes: evidências de validade	Reppold; Gurgel; Hutz (2016).	Apresentar a construção e evidências de validade de construto e convergente da Escala de Humor para Adolescentes brasileiros.
18	Suicídio entre crianças e adolescentes: um alerta para o cumprimento do imperativo global	Silva (2019).	Alerta para o fim do prazo de redução do suicídio. Apontando uma direção contrária ao cumprimento deste imperativo pela OMS, especialmente no que tange a população de crianças e adolescentes brasileiros.

Fonte: elaborado pela autora, 2020.

5. Categorização dos Estudos

Os estudos foram categorizados em quatro categorias, que fundamentaram a interpretação e apresentação dos resultados e discussão da revisão, sendo elas:

Quadro 3 - Artigos classificados em categorias:

CATEGORIAS	ARTIGOS
Caracterização do comportamento autolesivo e/ou ideação suicida	2, 3, 4, 5, 7, 11,12, 14, 17
A família e o contexto escolar em relação à autolesão e ideação suicida	1, 2, 3, 4, 5, 6, 10, 16,
O uso da internet como potencializador da autolesão e/ou ideação suicida	4, 10, 13
Possíveis Propostas de Intervenções	3, 4, 6, 7, 8, 9, 10, 15, 11, 17, 18

Fonte: elaborado pela autora, 2020.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise temática das evidências permitiu identificar quatro categorias, sendo elas: caracterização do comportamento autolesivo e/ou ideação suicida, a família e o contexto escolar em relação à autolesão e ideação suicida, o uso da internet como potencializador da autolesão e/ou ideação suicida e por último, consideradas as possíveis propostas de intervenções.

4.1 CARACTERIZAÇÃO DO COMPORTAMENTO AUTOLESIVO E/OU IDEACÃO SUICIDA

Nessa categoria, foram abordados nove estudos, sobre os quais foi possível projetar o perfil dos adolescentes que praticam a autolesão e/ou ideação suicida, e reconhecer os principais fatores de risco.

Os fatores de risco combinados aos comportamentos suicidas e autolesivos na adolescência, são multifatoriais e estão presentes nos transtornos mentais, características pessoais e comportamentais do adolescente, familiares e sociais. Dentre as variáveis psicológicas disfuncionais que mais evidenciaram foram: desesperança, depressão, ansiedade, baixa autoestima, tristeza, preocupação, agressão por parte dos pais e amigos, baixa comunicação com os pais, abuso físico na escola, uso de substância, pessoas conhecidas com tentativa de suicídio, preocupações com a orientação sexual, impulsividade e personalidade *borderline* (MOREIRA; BASTOS, 2015; SILVA; BOTTI, 2017; APA, 2014).

Tais variáveis, podem estar associadas ao desenvolvimento da adolescência em que ocorrem naturalmente modificações psicológicas, físicas e sociais, sendo marcada por período de contradições, conflitos e ambivalências (RIBEIRO; ROCHA, 2017; MOREIRA; BASTOS, 2015).

Bem como a constituição da identidade, sendo influenciada pelas vivências nas esferas física, cognitiva e social. Cujo processo, exige do adolescente a aceitação de sua imagem corporal, a decisão sobre propostas ideológicas, religiosas, a escolha de uma profissão, aspectos da sexualidade, valores morais, estilo de vida e de relações afetivas e etc. (BOCK, 2008); RIBEIRO; ROCHA, 2017).

Corroborando com Claumann *et al.*, (2018) ao afirmaram que, os adolescentes investigados independentes do sexo, índice de massa corporal e maturação sexual, eram insatisfeitos com a imagem corporal seja pela magreza ou excesso de peso, estiveram mais suscetíveis à ideação e ao planejamento do suicídio comparados aos adolescentes satisfeitos.

Trinco, Santos e Barbosa (2017), também apontam que esse desenvolvimento causa no adolescente as diversas transformações e exigências, necessidades de ajustes e reajustes internos e externos, instabilidade e desequilíbrio, provocam dificuldades no gerenciamento do desenvolvimento saudável nos campos afetivo, pessoal, familiar, escolar e de socialização, tornando-o desta forma vulnerável aos comportamentos antissociais.

Reppold, Gurgel e Hutz (2016) corroboram ao afirmar que, investigações realizadas a partir das evidências clínicas mostram que, adolescentes com humor deprimido manifestam sintomas atípicos como instabilidade, irritabilidade, hostilidade e hiper-reatividade e apresentam um risco maior de manifestar outras desordens depressivas futuramente, bem como a autolesão e comportamentos suicida.

Nesse contexto das manifestações de variáveis psicológicas disfuncionais presentes na adolescência, o sexo feminino apresenta maior prevalência em alguns estudos. O qual pode ser explicado em razão da mulher estar mais vulnerável às experiências emocionais, como transtornos de depressão e ansiedade, que afetam fortemente o comportamento (MOREIRA; BASTOS, 2015; TRINCO; SANTOS, 2017; SILVA; BOTTI, 2017; SOUZA, 2017; FONSECA *et al.*, 2018; CLAUMANN *et al.*, 2018).

Trinco e Santos (2017) confirmam a prevalência, ao analisarem o perfil de adolescentes que foram internados em um serviço de urgência, no qual conclui que a idade média era de 15,5 anos, do sexo feminino com a ingestão medicamentosa voluntária a prevalecer em relação aos restantes métodos. E ainda constatou que, os conflitos familiares eram o fator de risco mais prevalente, desencadeante do comportamento suicida.

Corroborando ainda com os comportamentos suicida, os estudos de Moreira e Bastos (2015) apontam que, as prováveis motivações sejam: histórico de suicídio na família, transtornos mentais, exposição à violência, abuso de álcool e drogas e conflitos familiares.

Em relação aos aspectos afetivos do adolescente, Trinco e Santos (2017); Bock (2008); Souza (2017), ainda apontam acerca da existência de uma conexão expressiva entre a manifestação do comportamento autolesivo e a existência de conflito entre pares, principalmente na ruptura do namoro e na dificuldade de socialização. O que pode explicar tal aspecto, como o desejo do adolescente de ser aceito pelos amigos e pelos adultos.

Sendo os adolescentes homossexuais mais afetados pelo aspecto afetivo, por sofrem de violência homofóbica psicológica, física ou sexuais como preconceito, discriminação, opressão, dentre outras formas de exclusão, vivenciadas no seu contexto público e na família. Provocando assim, relevante impacto na saúde desse sujeito, como isolamento social, baixo desempenho escolar, uso compulsivo da internet e baixa autoestima. Tais variáveis são

gatilhos para desencadear comportamentos de ideação suicida e/ou automutilação (BRAGA, 2017).

Em relação ao abuso ou dependência de drogas, vários autores apresentam o álcool como a substância mais fortemente associada; seja como motivação (dependência atribuída ao sentido negativo da vida) ou como estimulante, podendo esse efeito elevar em até nove vezes o risco para violência autoprovocada. Sendo neste caso, a prevalência do sexo masculino (FELIX *et al.*, 2019). Já no estudo de Fonseca *et al.*, (2018), observa-se que a autolesão entre os adolescentes, na sua maioria não apresenta intenção suicida e não foram realizadas sob o efeito de droga.

Para Klonsky e Muehlenkamp, (2007); Fonseca *et al.*, (2018), dentre os principais motivos para a autolesão estão: alívio de sensações de vazio ou indiferença, estresse, tensão, parar sentimentos ou sensações ruins, ou tentar controlar situações em que exige habilidades interpessoais do adolescente.

Com esse estudo, buscou-se discorrer acerca da prevalência das variáveis psicológicas disfuncionais que caracterizam a manifestação dos comportamentos autolesivo e/ou ideação suicida, reconhecendo os principais fatores de risco que implicam num perfil de adolescentes que se utilizam de tais condutas antissociais, e que podem estar potencializadas pelo uso da rede de internet.

4.2 A FAMÍLIA E O CONTEXTO ESCOLAR EM RELAÇÃO À AUTOLESÃO E IDEACÃO SUICIDA.

4.2.1 Relação Familiar

Após se conhecer como se caracteriza a adolescência, buscou-se abordar com o auxílio de oito estudos para essa categoria, o entendimento de como a relação familiar e o contexto escolar se relacionam frente a esse agravo.

A família é considerada um grupo social que tem como objetivo assegurar o bem-estar de todos e de cada um dos indivíduos que a integram, promovendo as funções de proteção, afeto, formação social e cívica. Buscando o permanente equilíbrio entre a homeostasia e a transformação, a família vive com filhos adolescentes. Estes experienciam um período de transição podendo ser de maior vulnerabilidade no seu ciclo vital. E como integrantes desse sistema, encontram o seu equilíbrio para ultrapassar da melhor forma as crises. (NUNES; MOTA, 2017; DUARTE; CRUZ; OLIVEIRA, 2015).

Nunes e Mota (2017); Duarte, Cruz e Oliveira (2015), concluíram que o laço com os pais está associado ao desenvolvimento adequado de competências sociais e a uma menor

propensão para autolesão e ideação suicida. Uma vez que, tais fatores fornecem uma maior segurança ao adolescente para explorar o seu meio social e enfrentar as dificuldades do cotidiano. Quando ocorre de forma contrária, nas relações pautadas pela inibição da exploração e da individualidade, parecem favorecer uma maior insegurança e desvalorização pessoal pela ausência de interação, levando o indivíduo a vivenciar dificuldades no contato social, dessa forma evidencia uma predisposição para comportamentos de risco.

Bem como os estilos parentais, ou estilos educativos, considerados um conjunto de práticas educativas, que são construtos relevantes nas relações estabelecidas e suas consequências entre pais e filhos. A interação inclui a atmosfera emocional presente na comunicação de regras e limites, que afeta profundamente o repertório comportamental e de valores dos filhos (CASSONI, 2013; *apud* MAGNANI E STAUDT, 2018).

Nunes e Mota (2018) apontam também que, evidência empírica sugere, que a presença de patologia emocional constitui um preditor claro da ideação suicida do adolescente. Quando a qualidade da ligação afetiva no desenvolvimento psicoativo do filho na interação pautada por cuidados menos responsivos por parte da figura materna, de acordo com os autores, parece constituir um importante preditor de comportamentos de risco. Nesse sentido, acredita-se que as relações pautadas pela inibição com a figura da mãe, é preditor de conduta autodestrutivas no desajustamento emocional.

Outro fator de relevante risco para desencadear comportamentos autolesivos do adolescente, está na relação familiar quando considerada disfuncional, marcada pela violência doméstica como: violência física, psicológica, discussões conjugais frequentes, dificuldades no relacionamento entre os membros da família, dentre outros (DUARTE; CRUZ; OLIVEIRA, 2015; FELIX *et al.*, 2017).

Também pode se considerar que quando há existência na família, de histórico de tentativa de suicídio ou suicídio consumado entre os seus membros, história de maus tratos físicos por um adulto ou pais, problemas de parentalidade, assédio, abuso físico e sexual, negligência emocional, separação precoce dos pais, morar com apenas um dos pais ou familiares com história de automutilação (MOREIRA; BASTOS, 2015; SILVA; BOTTI, 2017).

Observou-se dessa forma que, a dinâmica familiar pode exercer um dos mais relevantes fatores de vulnerabilidade para o adolescente ou inversamente, de prevenção às diversas perturbações e comportamentos desajustados (Sousa, 2017). A qual quando disfuncional, percebeu-se que, a carência da presença do diálogo, da intimidade, do carinho, da confiança e do respeito estabelecida no contexto familiar, pode deixar o adolescente

vulnerável a condutas de risco, e ainda ser condicionantes das dificuldades apresentadas pelo adolescente de socialização e acadêmicas.

4.2.2 Contexto escolar

A escola como um contexto importante na transição da vida do adolescente, pois assume o papel de elo entre dois universos: o grupo familiar e o grupo social. É nesse ambiente que o adolescente realiza escolhas pelo o grupo de amigos e de pares, para a socialização tão necessária ao seu futuro. No entanto, simultaneamente pode ser um fator de risco, quando estas escolhas não são bem conseguidas. Verificando-se assim, a presença de uma conexão expressiva entre a manifestação de comportamentos autolesivos e a existência de conflitos entre pares e dificuldade de socialização (BOCK, 2008; TRINCO; SANTOS, 2017; SOUZA, 2017; CECCONELLO *et al.*, 2003).

Silva e Botti (2017) também apontam que, no relato de educandos vitimizados verificou-se maior risco para comportamento autolesivo, quando vivenciam *bullying* dos colegas, ou quando há problemas relacionados a dificuldades em realizar trabalhos escolares, adolescentes homossexuais por sofrem de violência homofóbica. Manifestam sentimentos de angústia, baixa autoestima, falta de autoconfiança e tristeza, podendo verificar-se ainda, o abandono escolar e/ou comportamentos autolesivos, e em casos extremos o suicídio. Adolescentes com tais sentimentos, tendem a se sentirem excluídos na escola. Logo a ida à escola, torna-se muitas vezes um horror, por não ter o sentimento de pertencimento, sentem-se sozinhos (BRAGA, 2017; LOPES; TEIXEIRA, 2019).

No que tange aos riscos oriundos do desajuste familiar - esse fator se apresenta em maior nível de apontamento na literatura, no qual percebeu-se que nessa dinâmica há ausência de coesão entre os membros ou pais com estilos parentais negligentes. Como consequência, os adolescentes manifestam dificuldade de comunicação entre os pares, contato de confiança insuficiente, depressão, pressões psicológicas como consequências das exigências internas e sociais e veem o futuro sem esperança, tais consequências afetam profundamente o desempenho acadêmico do educando (CECCONELLO *et al.*, 2003; DATTILIO; FREEMAN, 2004; MAGNANI; STAUDT, 2018).

Tendo em vista o transtorno que se apresenta relacionado ao contexto escolar, o qual afeta fortemente a saúde emocional dos educandos; e sendo a escola o ambiente de surgimento dos comportamentos disfuncionais, pode-se intervir identificando-os precocemente. Dessa forma, não colocar em risco a vida desses escolares. Uma vez que a

escola é considerada de extrema importância para a qualidade de vida dos adolescentes (BAGGIO *et al.*, 2009; BOTEGA, 2015).

Portanto, considerando a instituição escolar como promotora de saúde, pode essa realizar encaminhamentos para os casos clínicos e intervenção em saúde mental. Elaborando estratégias de enfrentamento dos agravos tais como: buscando apoio das equipes de saúde escolar dos três conselhos e planejamento de ações para pais e professores, visando desmistificar o que é saúde mental e psiquiátrica (NEVES; SANTOS, 2016).

Lopes e Teixeira (2019), também apontam para a importância de um psicólogo escolar, visto que os professores ao lidar com o contexto de comportamentos suicidas e autolesão, sentem-se sem saber como agir, diante de tantas demandas didáticas e despreparo. Ao passo que, o psicólogo escolar frente às narrativas de adolescentes com esse perfil, pode oportunizar um ambiente de acolhimento e escuta qualificada, onde ele possa verbalizar as suas angústias e mal-estar através das palavras.

Portanto, observou-se que, a escola como contexto considerado de transição da adolescência, logo, importante para a qualidade dos escolares. E sabendo-se que é nesse ambiente que surgem os comportamentos disfuncionais dos adolescentes, os quais podem desencadear ao uso da internet como solução alternativa de regulação emocional para lidar com os conflitos. Então a instituição escolar como promotora de saúde, pode identificar precocemente e intervir, contribuindo assim, para o desenvolvimento saudável dessa faixa etária, bem como estar desconstruindo o estigma imposto sobre a saúde mental.

Quanto à relação familiar e o contexto de condutas autodestrutivas, percebeu-se que, como fatores de proteção, o vínculo do adolescente constituído com a família, associado ao desenvolvimento adequado de competências sociais, fornecem-lhe uma maior segurança para explorar o seu meio social e enfrentar as dificuldades do cotidiano.

4.3 O USO DA INTERNET COMO POTENCIALIZADOR DA AUTOLESÃO E/OU IDEIAÇÃO SUICIDA.

Nessa categoria, observou-se que apenas três artigos trataram dessa temática, ao abordar comportamento autolesivo e ideação suicida em adolescentes. Ficando óbvia a relação com o uso da internet para tais comportamentos de risco, por serem esses os maiores usuários da rede.

A pesquisa de Otto e Santos (2016) confirmou que, o uso da internet pelos adolescentes, por ser um local preferível para expressar seus sentimentos virtualmente, sendo considerada um ambiente sem julgamento moral, onde é possível manifestar-se de forma mais

direta e sem filtro. O que justifica o caráter epidêmico, em virtude da proliferação da problemática da autolesão em ambientes virtuais, cresce a incidência de casos que surgem em clínicas, escolas e hospitais (COSTA; SILVA; VEDANA, 2019).

Para exemplificar a questão, pode-se citar a plataforma *Tumblr* de blogs, a qual vem sendo utilizada como uma forma de propagação de conteúdo sobre a autolesão em *blogging* de cadastro gratuito. Nesse local os usuários podem relatar o que sentem e vivenciam, postar sobre o que quiserem, sendo possível “seguir” outros blogs e ser “seguido” (OTTO; SANTOS, 2016).

Alguns adolescentes relataram nos estudos de Lopes e Teixeira (2019) que, tornaram-se viciados ao ter experimentado se cortar, depois de ter visto vídeos e imagens na internet e continuaram com a prática, sem conseguir mais parar. Na maioria das vezes, os adolescentes que têm a prática se valem dela como uma tentativa de regulação emocional dos sentimentos, para conseguir lidar com os conflitos, tais como: “a relação conflituosa com os pais, término de namoro, não está indo bem na escola, prazer em sentir a dor etc.” p. 300.

Corroborando com os estudos de Costa, Silva e Vedana (2019), que através de postagens publicadas pelos usuários da plataforma *Tumblr*, também revelaram sentimentos de: auto-depreciação, desajustamento social, sensação de inutilidade e insignificância, desesperança (falta de perspectivas), desamparo social (sensação de abandono), planejamento suicida como a única solução para colocar um fim ao sofrimento psíquico.

Em consenso com os autores acima citados, os participantes da rede virtual *facebook* agem por meio do efeito de contágio e gatilho, provocados pela visualização de fotos e/ou postagens, operando sob a influência de identificação de um ídolo, pares ou pela sensação de pertencimento a um grupo. E buscam apoio (conselhos) dos parceiros para a dor psíquica. Além disso, demonstram no ambiente virtual interesse por informações acerca de objetos cortante, extensão dos ferimentos e cicatrização (SILVA; BOTTI, 2017; SOUZA, 2017).

As autoras supracitadas apontam que, em relação aos fatores de riscos para comportamentos antissociais, estão relacionados a fatores específicos de cada ciclo da vida e que se torna imprescindível uma investigação, pois a Internet pode ser considerada fator de risco, uma vez que o comportamento se manifesta principalmente na adolescência, sendo os adolescentes os maiores utilizadores de dessa ferramenta.

Lopes e Teixeira (2019), também apontam que o problema deve despertar atenção de todos para esse tipo de comportamento antissocial. Visto que, ao mesmo tempo em que a automutilação é uma forma de regulação emocional, pode ser que pela repetição do ato, ocorra o suicídio consumado.

Em virtude da magnitude do problema, os autores supracitados chamam atenção alertando que, os comportamentos autolesivos na adolescência são revestidos de diversos significados. Por isso, torna-se necessário a sutileza na interpretação e análise de tais condutas. Pois na adolescência, existe uma tendência maior do agir do que a utilização de outros recursos, como a palavra. Exemplo: no lugar do adolescente expressar-se por meio das palavras, aquilo que o angustia, ele transfere para o corpo para exteriorizar seus sentimentos se auto-lesionando por ser propriedade sua. Ressaltam ainda, que é relevante considerar cada caso, como sendo único, cada um com sua história de vida diferente e com suas peculiaridades. Sendo imprescindível conciliar o atendimento clínico com as redes sociais virtuais.

Ao concluir esse estudo, percebeu-se que o uso da internet se torna um potencial estimulador para adolescentes com propensão aos comportamentos de risco. Uma vez que a rede existe duas faces: o incentivador, por conter imagens e vídeos de incentivo e como um local de apoio para confidenciar o sofrimento psíquico, sem o julgamento moral por suas escolhas. Nesse ambiente virtual, os usuários que utilizam da prática de autolesão, se valem dela como uma tentativa de regulação emocional e assim, conseguir lidar com os conflitos. No entanto, ainda existem carência de pesquisas brasileiras, que tratem dessa interação, compreendendo melhor as especificidades do fenômeno na atualidade, bem como intervenções.

4.4 POSSÍVEIS PROPOSTAS DE INTERVENÇÕES

Nesta categoria, foram abordados cinco estudos voltados para a identificação e possíveis propostas de intervenções, frente ao comportamento autolesivo e ideação suicida em adolescentes.

Reppold, Gurgel e Hutz (2016), Peixoto *et al.*, (2019), apontam para os desafios que se apresentam aos pesquisadores e profissionais da área da saúde, tendo em vista a necessidade do desenvolvimento de instrumentos que auxiliem na avaliação e diagnóstico de comportamentos de risco dos adolescentes, para assim, contribuir com propostas de intervenções eficientes. Os autores sugerem sobre o potencial do instrumento Questionário de Impulsividade, Auto-dano e Ideação Suicida para Adolescente (QIAIS-A), integrar em pesquisas com objetivo de avaliação da Autoagressão, Impulsividade e Ideação Suicida entre adolescentes brasileiros. Sugerindo a adequação das propriedades psicométricas desse instrumento para avaliação desta população, devendo dar continuidade de investigação de outras qualidades psicométricas do instrumento.

Como proposta de intervenção, considerando o ambiente escolar fundamental para identificação de comportamentos de risco dos adolescentes, quando a escola dispõe dos serviços do profissional psicólogo, pode intervir através do acolhimento e da escuta qualificada, promovendo assim, a oportunidade desses escolares verbalizarem suas angústias e mal-estar, através das palavras (LOPES; TEIXEIRA, 2019).

Claumann *et al.*, (2018) também apontam, que a escola pode promover discussões sobre o tema durante as aulas, utilizando de uma abordagem multidisciplinar para abranger os aspectos biopsicossociais, considerando os motivos que levam aos adolescentes se envolverem em comportamentos antissociais.

Nessa perspectiva ainda de intervenções no contexto escolar, a escola frente ao problema, pode promover o encaminhamento dos casos clínicos, bem como a elaboração de estratégias de enfrentamento do agravo, tais como: buscar o apoio das equipes de saúde escolar dos três conselhos e planejamento de ações direcionadas aos pais e professores, visando desmistificar o que é saúde mental e psiquiátrica. Promover o autoconceito, combater a sintomatologia depressiva dos adolescentes, trabalhar os maléficos do consumo de álcool e drogas e orientação aos pais quanto aos sinais de alerta emitidos pelos filhos (BAGGIO *et al.*, 2009; BOTEGA, 2015; NEVES; SANTOS, 2016; SIMÕES; SANTOS; MARTINHO, 2019).

Lima, Silva e Raboni (2010) também afirmam que, a escola pode ser uma rede de apoio importante aos adolescentes na prevenção de fatores de riscos, em especial aos que vivem submetidos a situações adversas em suas comunidades e famílias. Considerando que esta pode funcionar como uma estrutura de proteção, ao criar espaços de convivência saudável, aprendizagem, reforço de habilidades, sociais e emocionais fundamental para o desenvolvimento do jovem.

Fonseca *et al.*, (2018) também apontam que, os esforços de intervenção preventiva devem se concentrar na redução de problemas que contribuem para a ocorrência da automutilação. Com propostas de prevenção voltadas ao condicionamento de habilidades alternativas do adolescente, para o enfrentamento positivo e o gerenciamento das emoções. Ressaltam ainda os autores, que os profissionais devem estar capacitados para identificar, avaliar os riscos e promover ações na conexão entre escola, setor de saúde e família.

No que tange à proposta de intervenção direcionada às famílias, Silva (2019) ressalta que, não se devem julgá-las sob olhar reducionista, e as responsabilizar pelo comportamento dos seus adolescentes. Mas devem ser reconhecidas como unidade de cuidado profissional em

saúde, estimulando assim, o apoio mútuo entre seus membros. Com o intuito de incrementar o seu potencial de cuidado e responder às necessidades essenciais de seus filhos.

Nesse sentido de busca ao apoio mútuo entre os membros, a proposta de intervenção psicoterapêutica com a família, como psicoeducação e treino de habilidades individuais e familiares, intervenção comunitária e terapia com o adolescente com ideação suicida, depressão e comportamentos autolesivo, conciliando com as redes sociais virtuais, apresenta resultados positivos, de acordo com (SIMÕES; SANTOS; MARTINHO, 2019).

No que tange às propostas de intervenções prestadas pelos serviços de saúde, Silva e Botti (2017), destacam a importância de os profissionais reconhecerem os fatores de risco dos comportamentos autolesivo e suicida, pois assim, possibilita a capacitação no planejamento de ações de prevenção e manejo dos casos clínicos de adolescentes acometidos pela prática.

Em relação ao adolescente encaminhado ao serviço de hospitalização, de acordo com Müller, Pereira e Zanon (2017); Trinco e Santos (2017) afirmam que, é um momento de excelência para a compreensão dos comportamentos suicidas e autolesivos. Sendo essencial através de uma equipe profissional multidisciplinar, definir estratégias de intervenção para o tratamento e acompanhamento do paciente, com a perspectiva de trabalhar os aspectos biopsicossociais, visando a promoção da autorregulação emocional desse sujeito. Dessa forma, fortalecendo os fatores de proteção para o desenvolvimento saudável individual, familiar e social.

Ainda nesse sentido do trabalho de intervenção multidisciplinar, Stavizki Junior e Viccari (2018), destacam o papel do serviço social em diferentes demandas, como resgatar informações sobre a rede familiar e de apoio, vulnerabilidade social, vinculação com a escola, condições de moradia, dentre outros aspectos que ajudariam a compreender os aspectos sociais do adolescente.

Para garantir as intervenções dos comportamentos de risco dos adolescentes, a Política Nacional de Prevenção da Automutilação e Suicídio, trouxe como objetivo estratégias permanentes do poder público para assegurar a prevenção desses eventos e para o tratamento dos condicionantes a eles associados. Como prevê o Documento: trabalhar-se a promoção de saúde mental, a prevenção da violência autoprovocada, controlando os fatores determinantes e condicionantes, aqui pode-se incluir a intervenção pela escola. Assegurar o acesso das pessoas em sofrimento psíquico à atenção psicossocial, abordar saúde mental adequadamente aos familiares, pode ser realizado pelo serviço de saúde. Informar e sensibilizar a sociedade acerca da importância e a relevância das lesões autoprovocadas, considerando um problema de saúde pública capazes de prevenção, pode ser realizado pelos veículos de comunicação,

dentre outros. E ainda, devem ser notificadores os estabelecimentos de saúde públicos e privados de forma compulsória, todos os casos suspeitos ou confirmados de violência autoprovocada e enviar às autoridades sanitárias e ao Conselho Tutelar. Bem como promover a educação permanente de gestores e de profissionais de saúde em todos os níveis de atenção, quanto ao sofrimento psíquico e às lesões autoprovocadas (BRASIL, 2019).

Portanto, tendo em vista a carência de intervenções para o combater o agravo, o qual vem sendo potencializada pelo uso da internet e considerado um problema de saúde pública, como proposta de intervenção mais efetiva, a Política Nacional de Prevenção da Automutilação e Suicídio, vem possibilitar o desenvolvimento de estratégias permanentes pelos serviços de saúde e educação. Promovendo dessa forma, uma abordagem abrangente dos aspectos biopsicossociais na prevenção e promoção em saúde mental dos adolescentes e familiares, bem como assegurar o tratamento e acompanhamento daqueles que são acometidos pela prática de autolesão e comportamentos suicida.

Por conseguinte, contribui-se para a desconstrução do estigma imposto sobre a saúde mental, para que as divulgações das informações sejam efetivas, e o processo de identificação e o estabelecimento de intervenções adequadas.

O Conselho Federal de Psicologia (2019), também aponta a contribuição do profissional psicólogo escolar, na intervenção apropriando-se do princípio da coletividade, pode desenvolver estratégias de enfrentamento do agravo, envolvendo toda a comunidade escolar - professores, pais, funcionários e estudantes. Pautando reflexões acerca do sujeito e suas subjetividades, ressaltando o uso das redes sociais virtuais. Dessa forma, possibilitar o reconhecimento dos fatores de risco, que são permeados pela vulnerabilidade familiar, racismo, discriminação e orientação sexual. Pois a complexidade do fenômeno, que desencadeia o sofrimento psíquico dos adolescentes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Notou-se que, existe um perfil de adolescentes predisponentes às práticas autolesivas e comportamentos suicidas, em função de diversos fatores: transformações sofridas pela fase da adolescência, transtornos psiquiátricos, falta de apoio familiar, social, fracasso na escola, déficit de habilidades sociais, dentre outros. Sendo uso da internet um potencializador das condutas autodestrutivas. Pois nesse ambiente virtual, os usuários utilizam dessa prática para encontrar apoio para mitigar o sofrimento psíquico, dessa forma, conseguir lidar com os conflitos. Sendo o sexo feminino mais afetado em função das experiências emocionais mais intensas.

Frente ao crescente número de casos de autoagressão e ideação suicida, registrados pelos meios de vigilância epidemiológica, reforça-se a necessidade de maior produção científico-acadêmica e valorização dos instrumentos que auxiliem na avaliação e diagnóstico de comportamentos de risco dos adolescentes. Contribuindo dessa forma, para propostas de intervenções eficientes dos agravos.

Percebeu-se também, a importância da atuação do psicólogo escolar frente às narrativas da automutilação de adolescentes, com o trabalho de acolhimento e de escuta qualificada, visto que tais condutas são muitas vezes a ponta do iceberg da desesperança desses adolescentes, como pode ser revestida de significados. E ainda, a necessidade de a escola promover discussões sobre o tema, agregando as redes sociais virtuais. Sempre considerando os motivos que levam aos adolescentes se envolverem em comportamentos antissociais.

Observou-se ainda, a carência de intervenções eficientes prestadas pelos serviços de saúde, em todos os níveis de atenção, sobretudo na Atenção Primária. Que promova o tratamento e acompanhamento dos adolescentes e suas famílias. Combinado a um trabalho desenvolvido em parceria com a escola direcionado para a prevenção e promoção em saúde mental dos educandos. Bem como a capacitação dos profissionais da área da saúde e educação, para reconhecerem os fatores de risco dos comportamentos de autoagressão.

Constatou-se com esse estudo, a necessidade de pesquisas de campo para relacionar tais condutas com o uso da internet de forma mais aprofundada, pois a limitação deste trabalho foi a escassez de pesquisas que tratem da relação com a rede. Nos poucos estudos, foi possível perceber que a internet existe dois lados, o incentivador, por conter imagens e vídeos de incentivo e como um local possível para desabafar sem o julgamento moral por suas escolhas.

Bem como, ficou evidente a necessidade de realização de ações em saúde mental de prevenção de forma virtual, aos comportamentos suicida e autolesivo, como: grupo de apoio, suporte ou autoajuda online. Haja visto que, os adolescentes encontram no ambiente virtual a fonte de ajuda, informações e possíveis estratégias de enfrentamento da dor psíquica.

Como proposta de intervenções mais eficientes dos agravos, a Política Nacional de Prevenção da Automutilação e Suicídio, traz estratégias permanentes do poder público para assegurar a prevenção desses eventos e tratar os condicionantes associados, a qual reforça a importância da escola como o local de detecção, notificação e prevenção dos comportamentos de risco. Com apoio da equipe de profissionais de saúde mental, a integração dos pais e adolescentes. Sendo a intervenção com uma abordagem que abranja os aspectos biopsicossociais dos educandos, dessa forma, assegurar o fortalecimento dos fatores de proteção para o desenvolvimento saudável individual, familiar e social, desses sujeitos.

Com essa pesquisa foi possível apontar os fatores desencadeantes de comportamentos autolesivos e de ideação suicida entre adolescentes, bem como as interpretações mais recorrentes sobre a conduta. Por isso, considerando a magnitude do agravo descrito por alguns autores como uma epidemia, o qual vem sendo potencializado e estimulado pelo acesso à internet. Desse modo, com a perspectiva de derrubar “os muros do tabu” que envolve a questão, em conformidade com a Política Nacional de Prevenção da Automutilação e Suicídio, torna-se fundamental o trabalho de se informar e sensibilizar a sociedade acerca da importância e a relevância das lesões autoprovocadas, considerando um problema de saúde pública capaz de prevenção.

Ademais, em consonância com a Política Nacional de Prevenção da Automutilação e Suicídio, o Conselho Federal de Psicologia (CFP), também aponta a contribuição do profissional psicólogo escolar, na intervenção apropriando-se do princípio da coletividade, pode desenvolver estratégias de enfrentamento do agravo, envolvendo toda a comunidade escolar - professores, pais, funcionários e estudantes. Pautando reflexões acerca do sujeito e suas subjetividades e a complexidade do fenômeno, que desencadeia o sofrimento psíquico dos adolescentes.

REFERÊNCIAS

- AGUIAR, J. G. G. Mitos e Crenças sobre o Suicídio: visão de profissionais de segurança. Tese (Doutorado em Psicologia Clínica e Cultura). Universidade de Brasília, 2017. Disponível em: https://repositorio.unb.br/bitstream/10482/23494/1/2017_JulianyGon%C3%A7alvesGuimar%C3%A3esdeAguiar.pdf. Acesso em: 03 jun. 2020.
- AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. **Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais: DSM-5**. Tradução: Maria Inês Corrêa Nascimento et. al. – 5. ed. – Porto Alegre: Artmed, 2014.
- ARCOVERDE, R. L.; SOARES, L. S. L. C. Funções Neuropsicológicas associadas a condutas autolesivas: revisão integrativa de literatura. **Psicologia: Reflexão e Crítica**. Recife. vol. 25. n. 2. p.293-300, 2012. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/prc/v25n2/a11v25n2.pdf>> Acesso em: 22 abr. 2019.
- ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PSIQUIATRIA. **Suicídio: informando para prevenir**. Associação Brasileira de Psiquiatria. Comissão de Estudos e Prevenção de Suicídio. Brasília: CFM/ABP, 2014.
- ASSUMPÇÃO, A. P. V. A. **O discurso da falta e do excesso: a automutilação**. 2016. 100 f. Dissertação (Mestrado). Curso de Letras, Universidade Católica de Pelotas, Pelotas, 2016. <<http://tede.ucpel.edu.br:8080/jspui/bitstream/tede/473/2/>> Acesso em: 02 mai. 2019.
- BAGGIO, L; PALAZZO L. S; AERTS, D. R. G. C. Planejamento suicida entre adolescentes escolares: prevalência e fatores associados. **Rev. Cad. Saúde Pública**. Rio de Janeiro. vol 25. nº 1. p.142-150. Jan. 2009.
- BOCK, A. M. B.; FURTADO, O. L.; TEIXEIRA, M. L. T. **Psicologias: uma introdução ao estudo de psicologia**. 14 ed. São Paulo: Saraiva, 2008.
- BOTEGA, N. J. **Crise Suicida: avaliação e manejo**. Porto Alegre: Artmed, 2015.
- BRAGA. I. F. Quem é homossexual carrega consigo o fardo do preconceito: violências contra adolescentes e jovens homossexuais e a rede de apoio social. Tese (Doutorado) **Biblioteca digital USP**, 2017. <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/22/22133/tde-17072017-161103/pt-br.php>
- BRAS, M; JESUS, S; CARMO, C. Fatores Psicológicos de Risco e Protetores Associados à Ideação Suicida em Adolescentes. **Rev. Psicologia, Saúde e Doença**. Portugal. vol. 16. nº 2.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. **Boletim Epidemiológico**. vol 50. nº 24. Set. 2019. Disponível em: <<https://www.saude.gov.br/images/pdf/2019/setembro/13/BE-suic--dio-24-final.pdf> saude.pdf> Acesso em 05 mai. 2020.
- _____. Lei Federal 13.819 de 26 de abril de 2019. Institui a Política Nacional de Prevenção da Automutilação e do Suicídio, a ser implementada pela União, em cooperação com os Estados, o Distrito Federal e os Municípios; e altera a Lei nº 9.656, de 3 de junho de 1998.

Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2019-2022/2019/lei/L13819.htm - Acesso em: 20 mai. 2019.

_____. Secretaria de Comunicação Social. Pesquisa brasileira de mídia 2015: hábitos de consumo de mídia pela população brasileira. Brasília: Ministério da Comunicação, 2015. Disponível em: <<http://www.secom.gov.br/atuacao/pesquisa/lista-de-pesquisas-quantitativas-e-qualitativas-de-contratos-atuais/pesquisa-brasileira-de-midia-pbm-2015.pdf>>. Acesso em: 20 mai. 2019.

CASSONI, C. **Estilos parentais e práticas educativas parentais: revisão sistemática e crítica da leitura**. Dissertação de Mestrado. FFCLRP. 2013.

CECCONELLO, A. M.; DE ANTONI, C.; KOLLER, S. H. Práticas educativas, estilos parentais e abuso físico no contexto familiar. **Psicol. Estud.** Maringá, v. 8, n. spe, p. 45-54, 2003 . Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S141373722003000300007&lng=en&nrm=iso> Acesso em: 03 mai. 2019.

CEDARO, J. J.; NASCIMENTO, J. P. G. do. Dor e gozo: relato sobre mulheres jovens sobre automutilações. **Psicologia Usp.** Porto Velho. vol. 24. nº. 2. p.203-223, 2013. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pusp/v24n2/v24n2a02.pdf>> Acesso em: 09 mar. 2019.

CLAUMANN, G. S; PINTO, A. A; SILVA, D. A. S; PELEGRINI, A. Prevalência de pensamentos e comportamentos suicidas e associação com a insatisfação corporal em adolescentes. **J. bras. psiquiatr.**, Rio de Janeiro , v. 67, n. 1, p. 3-9, Mar. 2018. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0047-20852018000100003&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 28 mar. 2020.

III CONEDU. Congresso Nacional de Educação 2016. Responsividade e Exigência Materna sob o Olhar de Filhos Adolescentes. Disponível em: http://www.editorarealize.com.br/revistas/conedu/trabalhos/TRABALHO_EV056_MD1_SA6_ID4702_15082016205124.pdf. Acesso em: 05 de jun. 2020.

Conselho Federal de Psicologia (Brasil). Referências técnicas para atuação de psicólogas(os) na educação básica / Conselho Federal de Psicologia. 2. ed. Brasília: CFP, 2019. Pdf.

COSTA, J. S.; SILVA, A. C; VEDANA, K. G. G. Postagens sobre autolesão não suicida na internet. **Adolescência & Saúde**, Rio de Janeiro, v. 16, n. 1, p.7-12, mar. 2019.

COUTO, D. L.; CUNHA, L. S. P. - Marcas na pele: A autolesão sob a ótica da Gestalt-terapia. **Revista IGT na Rede**, v. 14, nº 27, 2017. p. 233 – 259. Disponível em <http://www.igt.psc.br/ojs>. Acesso em: 09 mar. 2019.

DATTILIO, F. M.; FREEMAN, A. **Estratégias Cognitivo Comportamentais de Intervenção em Situações de Crise**. Porto Alegre: Artmed, 2004.

DUARTE, V. M.; CRUZ, M. M; OLIVEIRA, B. Comportamentos autolesivos na adolescência e disfunção familiar: relato de caso. **Rev Port Med Geral Fam.** Lisboa, v. 31, n. 6, p. 401-405, dez. 2015 . Disponível em:

<http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2182-51732015000600007&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 29 mar. 2020.

DURKHEIM E. **O suicídio: estudo de sociologia**. 2 ed. São Paulo: WMF, 2000.

FÉLIX, T. A; OLIVEIRA, E. N; LOPES, M. V. O; DIAS, M. S. A; PARENTE, J. R. F. Risco para violência autoprovocada: prenuncio de tragédia, oportunidade de prevenção. **Rev. electrónica trimestral de enfermaría** v. 18 n. 53 eg-18-53-373. Disponível em: <http://scielo.isciii.es/pdf/eg/v18n53/pt_1695-6141-eg-18-53-373.pdf> Acesso em: 28 mar. 2020.

FERNANDES, D. A. A; FERREIRA, N. S; CASTRO, J. G. D. **Perfil epidemiológico das tentativas de suicídio em Palmas-Tocantins, de 2010 a 2014**. Disponível em: <https://www.google.com/search?q=Perfil+epidemiol%C3%B3gico+das+tentativas+de+suic%C3%ADdio+em+Palmas-Tocantins%2C+de+2010+a+2014.7&rlz=1C1RLNS_pt-BRBR847BR847&oq=Perfil+epidemiol%C3%B3gico+das+tentativas+de+suic%C3%ADdio+em+Palmas-Tocantins%2C+de+2010+a+2014.7&aqs=chrome.69i57.1329j0j7&sourceid=chrome&ie=UTF-8> Acesso em: 10 abr. 2019.

FERREIRA, M. L.; VARGAS, M. A. de O.; RODRIGUES, J.; TRENTIN, D.; BREHMER, L. C. de F.; LINO, M. M. Comportamento suicida e atenção primária à saúde. **Rev. Oficial do Conselho Federal de Enfermagem**. vol. 9. nº 4. 2018. Disponível em: <<http://revista.cofen.gov.br/index.php/enfermagem/article/view/1803/477>> Acesso em: 03 mai. 2019.

FONSECA, P. H. N; SILVA, A. C; ARAÚJO, L. M. C; BOTTI, N. C. L. Autolesão sem intenção suicida entre adolescentes. **Arq. bras. psicol.**, Rio de Janeiro , v. 70, n. 3, p. 246-258, 2018 . Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-52672018000300017&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 28 mar. 2020.

JORGE, J. C; QUEIROS, O; SARAIVA, J. Descodificação dos comportamentos autolesivos sem intenção suicida: Estudo qualitativo das funções e significados na adolescência. **Aná. Psicológica**. Lisboa. vol. 33. n. 2. p. 207-219. jun. 2015. Disponível em: <http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0870-82312015000200006&lng=pt&nrm=iso> Acesso em: 03 mai. 2019.

JUCA, V. S; VORCARO, A. M. R. Adolescência em atos e adolescentes em ato na clínica psicanalítica. **Psicol. USP**, São Paulo, v. 29, n. 2, p. 246-252, Aug. 2018. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-65642018000200246&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 28 mar. 2020.

KLONSKY, E. D; MUEHLENKAMP, J. J. Self-Injury: A Research Review for the Practitioner. **Journal of Clinical Psychology: In Session**, pp. 1045-1056, 2007. Acesso em: 04 abr. 2020.

LIMA, J. M; SILVA, D. J; RABONI, P. C. ALMEIDA. Orgs. **Pesquisa em Educação Escolar: percursos e perspectivas**. São Paulo: Ed. UNESP. Cultura Acadêmica, 2010. Disponível em: <<http://books.scielo.org>> Acesso em: 02 mai. 2019.

- LOPES, L; TEIXEIRA, L. C. Automutilações na adolescência e suas narrativas em contexto escolar. **Estilos clin.**, São Paulo , v. 24, n. 2, p. 291-303, ago. 2019 . Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-71282019000200010&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 28 mar. 2020.
- MAGNANI, R. M.; STAUDT, A. C. P. Estilos Parentais e Suicídio na Adolescência: Uma Reflexão Acerca dos Fatores de Proteção. **Rev. Pensando fam.** vol. 22. nº 1. p. 75-86. jan./jun. 2018. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679494X2018000100007&lng=pt&nrm=iso> Acesso em: 03 mai. 2019.
- MARCONI, M. A; LAKATOS, E. M. **Técnicas de pesquisa.** 7a ed. São Paulo: Atlas, 2010.
- MOREIRA, R. M. M. Risco para violência autoprovocada: prenuncio de tragédia, oportunidade de prevenção. *Rev. Enferm. Glob.* v. 18, n. 53, p. 373-388, jan. 2019. Disponível em: <http://scielo.isciii.es/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1695-61412019000100012&lng=es&nrm=iso&tlng=es> Acesso em: 29 mar. 2020.
- MOREIRA, L. C. O; BASTOS, P. R. H. O. Prevalência e fatores associados à ideação suicida na adolescência: revisão de literatura. **Psicol. Esc. Educ.**, Maringá, v. 19, n. 3, p. 445-453, Dec. 2015. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-85572015000300445&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 28 mar. 2020.
- MÜLLER, S. A.; PEREIRA, G.; ZANON, R. B. Estratégias de prevenção e pósvenção do suicídio: Estudo com profissionais de um Centro de Atenção Psicossocial. **Rev. Psicol. IMED** vol.9 no.2 Passo Fundo jul./dez. 2017. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2175-50272017000200002. Acesso em: 20 jun. 2020.
- NEVES, M. F. B. V; SANTOS, J. C. Saúde mental e comportamentos da esfera suicidária dos adolescentes numa região insular portuguesa. **Rev. Enf. Ref.**, Coimbra, v. ser IV, n. 10, p. 77-84, set. 2016 . Disponível em <http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0874-02832016000300009&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 29 mar. 2020.
- NUNES, F; MOTA, C. P. Vinculação aos pais, competências sociais e ideação suicida em adolescentes. **Arq. bras. psicol.**, Rio de Janeiro , v. 69, n. 3, p. 52-65, 2017 . Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-52672017000300005&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 28 mar. 2020.
- ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE. **Departamento de Saúde Mental e de Abuso de Substâncias Gestão de Perturbações Mentais e de Doenças do Sistema Nervoso.** Genebra, 2006. Disponível em: <https://www.who.int/mental_health/media/counsellors_portuguese.pdf> Acesso em: 28 abr. 2019.
- OTTO, S. C; SANTOS, K. A. O Tumblr e sua relação com práticas autodestrutivas: o caráter epidêmico da autolesão. **Psicologia Revista**, [S.l.], v. 25, n. 2, p. 265-288, dez. 2016. Disponível em: <<http://200.144.145.24/psicorevista/article/view/24537>>. Acesso em: 28 mar. 2020.

PEIXOTO, E. M; PALMA, B; FARIAS, I; SANTANA, N; ZANINI, D; BUENO, J. M. Questionário de Impulsividade, Autoagressão e Ideação Suicida para Adolescentes (QIAIS-A): propriedades psicométricas. **Psic., Saúde & Doenças**, Lisboa, v. 20, n. 2, p. 272-285, ago. 2019. Disponível em:

<http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1645-00862019000200001&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 29 mar. 2020.

PEREIRA, C. C. M; BOTTI, N. C. L. O suicídio na comunicação das redes sociais virtuais: revisão integrativa da literatura. **Revista Portuguesa de Enfermagem de Saúde Mental**. n 17, jun., 2017. Disponível em: <<http://www.scielo.mec.pt/pdf/rpesm/n17/n17a03.pdf>> Acesso em: 18 abr. 2020.

RAUPP, C. S; MARIN, A. H; MOSMANN, C. P. Comportamentos autolesivos e administração das emoções em adolescentes do sexo feminino. **Rev. Psic. Clin.** vol. 30 nº 2. p. 289-308. 2018. Acesso em: 05 mai. 2019.

REPPOLD, C. T; GURGEL, L. G; HUTZ, C. S. Escala de avaliação de humor para adolescentes: evidências de validade. **Arq. bras. psicol.**, Rio de Janeiro, v. 68, n. 2, p. 21-30, ago. 2016. Disponível em:

<http://www.pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-52672016000200003&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 28 mar. 2020.

RIBEIRO, C. A.; ROCHA, F. N. da. Escolhas na adolescência: Implicações contemporâneas dos grupos sociais e da família. **Revista Mosaico**, v. 8, n. 2, p. 39-47, 2017. Disponível em: <<http://editora.universidadedevassouras.edu.br/index.php/RM/article/view/1111>> Acesso em: 02 mai. 2019.

SANTOS, C. L; SCHMIDT, J. P. Juventude e Suicídios: exame da política de prevenção do suicídio no município de porto alegre. Meritum. Revista de Direito da Universidade FUMEC. Belo Horizonte, v. 14 – n. 2 – p. 238-260 – Jul./Dez. 2019. Disponível em: <http://www.fumec.br/revistas/meritum/article/view/7330>. Acesso em: 09 de jul. 2020.

SILVA, A. C.; BOTTI, N. C. L. Uma investigação sobre automutilação em um grupo da rede social virtual Facebook Uma investigação sob. Smad: **Rev. Eletrônica Saúde Mental Álcool Drog**, São Paulo, v. 14, n. 4, p.203-210, dez. 2018. Acesso em: 25 mar. 2020.

SILVA, A. C; BOTTI, N. C. L. Comportamento autolesivo ao longo do ciclo vital: Revisão integrativa da literatura. **Revista Portuguesa de Enfermagem de Saúde Mental**, Porto, n. 18, p. 67-76, dez. 2017. Disponível em

<http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1647-21602017000300010&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 29 mar. 2020.

SILVA, L. Suicídio entre crianças e adolescentes: um alerta para o cumprimento do imperativo global. **Acta paul. enferm.** vol.32 no.3. São Paulo maio/jun. 2019. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-21002019000300001&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt. Acesso em: 17 jun. 2020.

SIMOES, R. M. P; SANTOS, J. C. P; MARTINHO, M. J. C. M. Eficácia das intervenções psicoterapêuticas dirigidas a adolescentes com comportamento suicidário: revisão integrativa da literatura. **Rev. Enf. Ref.**, Coimbra, v. serIV, n. 20, p. 139-148, mar. 2019. Disponível

em <http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0874-02832019000100015&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 29 mar. 2020.

Sociedade Brasileira de Neuropsicologia (SBNp). Suicídio: compreender, identificar e intervir. 1a edição. São Paulo, 2018. Disponível em: https://sites.usp.br/esm/wp-content/uploads/sites/406/2018/07/Cartilha-suic%C3%ADdio_final.pdf. Acesso em: 20 jun. 2020.

SOUSA, S. S. O Impacto das Variáveis Relacionais e Individuais na Adolescência: relação com a ideação suicida e os comportamentos autolesivos. **ISPA. Instituto Universitário, Ciências Psicológicas, Sociais e da Vida**. Dissertação de Mestrado. Portugal, 2017.

SOUZA, M. T; SILVA, M. D; CARVALHO, R. Revisão integrativa: o que é e como fazer. **Einstein (São Paulo)**, São Paulo, v. 8, n. 1, p. 102-106, Mar. 2010. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-45082010000100102&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 28 mar. 2020.

STAVIZKI JUNIOR, C; VICCARI, E. M. O serviço social no atendimento de emergências psiquiátricas: processos de trabalho de assistentes sociais e residentes no atendimento de pacientes adolescentes com ideação e tentativa de suicídio. **Rev. Do departamento de ciências humanas, Barbarói**, Santa Cruz do Sul, n.51, p.51, jan/jun, 2018.

TOSTES, G. W. et al. Dor cortante: sofrimento emocional de meninas adolescentes. **Contextos Clínicos**, [s.l.], v. 11, n. 2, p.257-267, 9 ago. 2018. UNISINOS - Universidade do Vale do Rio Dos Sinos. <http://dx.doi.org/10.4013/ctc.2018.112.10>.

TRINCO, M. E. M; SANTOS, J. C; BARBOSA, A. Vivências e necessidades dos pais no internamento do filho adolescente com comportamento autolesivo. **Rev. Enf. Ref.**, Coimbra v. serIV, n. 13, p. 115-124, jun. 2017. Disponível em <http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0874-2832017000200012&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 29 mar. 2020.

TRINCO, M. E; SANTOS, J. C. O adolescente com comportamento autolesivo sem intenção suicida no internamento do serviço de urgência de um hospital pediátrico da região centro. **Revista Portuguesa de Enfermagem de Saúde Mental**, Porto, n. spe5, p. 63-68, ago. 2017. Disponível em <http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1647-21602017000200011&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 29 mar. 2020.

VIEIRA, M. G.; PIRES, M. H. R; PIRES, O. C. Automutilação: intensidade dolorosa, fatores desencadeantes e gratificantes. **Revista Dor**. São Paulo. vol. 17. nº. 4. p.257-260, 2016. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rdor/v17n4/pt_1806-0013- rdor-17-04-0257.pdf> Acesso em: 22 abr. 2019.

VILHENA, M; PRADO, Y. Z. C. Dor, angústia e automutilação em jovens – considerações psicanalíticas. **Adolesc. Saúde**. Rio de Janeiro. vol. 12. nº. 2. p. 94-98. Abr/Jun 2015. Disponível em: <http://www.adolescenciaesaude.com/audiencia_pdf.asp?aid2=507&nomeArquivo=v12n2a12.pdf>. Acesso em: 28 abr. 2019.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. **Adolescent health**. Artigo Online WHO 2011.
Disponível in www.who.int/topics/adolescent_health/en. Acesso em: 28 abr. 2019.